

CLIPPING SEMANAL DE MINERAÇÃO 28 de Julho a 01 de agosto de 2014

(Coordenação: Karen C. Nasser de F. Borges, Ad Hoc Consultores Associados Ltda)

DESTAQUES DA SEMANA

Em tempos de eleições, com mudanças à vista na Paisagem da Administração pública, pelo menos em Brasília, o destaque da semana foi a ausência de propostas para mudanças na mineração, no programa do candidato Aécio Neves. Recebemos em nosso caixa de mensagens diversas manifestações de colegas preocupados com essa ausência e, sinceramente, ficamos sem entender a razão da preocupação, já que o maior problema enfrentado pelo Setor Mineral Brasileiro nos últimos anos, que gerou talvez a pior perspectiva de futuro para o Setor desde a crise do final dos anos 1980, foi justamente a tal “proposta de mudança”. Desde que o Governo veio a público com sua proposta de mudança, os investimentos em pesquisa mineral minguaram, profissionais perderam seus empregos, grandes prestadores de serviços abandonaram o Brasil... Por tudo isso, é que considero alvissareira a ausência de propostas de mudanças para o Setor Mineral no programa do candidato. Quiçá acontecesse o mesmo com todas as propostas de programas de Governo! O que o Setor Mineral Brasileiro precisa não é de uma agência, de uma nova legislação ou de aumento nos royalties. O que o setor precisa é que o DNPM volte a ser valorizado dentro da estrutura pública em que se insere. Que as instituições recebam apoio em conformidade com sua missão e não em razão de critérios político-partidários. Que o esforço dos milhares de prospectores, que correm grandes riscos dispendendo recursos que raramente são recuperados na difícil e cara atividade de pesquisa mineral seja compreendido como empreendedorismo e não como especulação. Que o minerador receba mais apoio e sofra menos pressões indevidas nos processos de licenciamento e implantação de seus empreendimentos. Sob esse aspecto, é interessante notar que quando um grande grupo quer instalar uma fábrica ou supermercado em uma cidade, geralmente recebe o terreno praticamente de graça e tem isenções de impostos, mas se o empreendimento for uma mina, aí o investidor tem que construir escolas, asfaltar ruas, erigir prédios públicos, construir equipamentos públicos de lazer etc.. Depois, quando se comparam o IDH, a qualidade de vida ou o PIB dos municípios, os mais bem aquinhoados são aqueles que possuem minas de classe internacional em seu território, apesar do discurso de que a mineração só deixa buracos por onde passa.

Outros destaques do noticiário semanal dão conta de que a mineração brasileira deverá receber investimentos de US\$ 53,6 bi nos próximos cinco anos. O que não chega a ser grande coisa se observarmos, no mesmo noticiário, que Moçambique, país que captou investimentos em mineração equivalentes a um terço de seu PIB no ano passado, receberá 32 bilhões de dólares no mesmo período. O mais relevante é que, embora tenhamos um potencial muito superior ao da maioria dos países que hoje se apresentam como nossos concorrentes, não nos beneficiamos disso. Estamos vulneráveis diante da excessiva concentração no minério de ferro, a que se destina a maior parte dos

investimentos previstos no nosso Setor Mineral, e da grande dependência da China, país que, enquanto importa mais de 50% do minério de ferro que produzimos, registra um crescimento 5,4% ao ano na produção de metais não ferrosos.

Portanto, se é hora de mudar, a mudança que o Setor Precisa é de menos “*mudancismo*” e mais estabilidade nas regras do Setor Mineral, além de maior reconhecimento de sua importância e dos benefícios que ela traz para as pessoas, as cidades e os Estados onde atua. Ou retomamos o caminho do crescimento e da diversificação de nossa produção mineral, ou ficaremos, outra vez, para trás na corrida por investimentos e melhorias tecnológicas que se trava, hoje, no cenário global da mineração.

Luciano de Freitas Borges – Ad Hoc Consultores Associados Ltda.

1-28/07/2014

Garimpos ilegais devastam na Índia

A região de Haryana é controlada por uma máfia que também controla os garimpos ilegais. Esses garimpos, sem nenhum controle ambiental ou norma, estão destruindo o meio ambiente, deixando para trás uma paisagem lunar, sem solo onde nada mais nasce ou prospera (foto)

O governo está ampliando o leque de punições para frear o garimpo. Nesta nova fase, veículos transportando equipamentos ou minério serão confiscados e moinhos certificados não poderão moer minério ilegal. Estão sendo deslocados 900 policiais para controlar a devastação. Eles irão fazer postos de checagem e piquetes de controle selando a região afetada.

Fonte: www.geologo.com.br

2-28/07/2014

Fusões e aquisições têm suave retração até junho

Por Cibelle Bouças | De São Paulo

Um levantamento realizado pela consultoria PricewaterhouseCoopers (PwC) mostra que no Brasil foram concluídas 393 transações de fusões e aquisições no primeiro semestre deste ano, ante 398 operações nos seis primeiros meses de 2013, o que representou uma queda de 1,3%. O número ficou em linha com a média de operações registradas no primeiro semestre dos últimos cinco anos, de 392 transações. Mais da metade das

operações não tiveram seus termos divulgados e, por isso, a PwC não faz estimativa do volume financeiro envolvido.

"Havia uma expectativa de redução no número de fusões e aquisições devido à realização da Copa do Mundo da Fifa no Brasil, mas não houve esse impacto", disse Alexandre Pierantoni, sócio da PwC e principal executivo de fusões e aquisições na consultoria. De acordo com o levantamento, em junho foram registradas no país 72 operações, o que representou um aumento de 8,3% em relação a junho de 2013.

Na avaliação de Pierantoni, o país tende a apresentar no segundo semestre um volume de operações semelhante ao verificado no ano passado. "O Brasil ainda continua atrativo para investidores estrangeiros. Mesmo com as incertezas do cenário político e econômico, a tendência é que o volume de operações mantenha uma certa estabilidade", disse o executivo.

No semestre, houve queda da participação de grupos estrangeiros nas operações de fusões e aquisições, para 150 transações, ante 154 no ano passado. Já o número de operações apenas com grupos nacionais avançou para 212, ante 199 um ano antes. A consultoria também apontou uma redução da participação de fundos de private equity nas transações, com 151 operações realizadas no semestre, ante 201 no ano passado.

De acordo com o levantamento da PwC, não houve mudanças significativas no tipo de operação realizada. No semestre, 51,7% das operações foram de compra de participação majoritária em empresas nacionais, seguida por compras (40,5% das transações), joint ventures (4,1%), incorporações (2%) e fusões (1,8%).

Em relação aos setores que atraíram negócios, o segmento de tecnologia da informação (TI) manteve-se na liderança, com 57 transações, ou 15% do total. Em relação ao primeiro semestre do ano passado, houve um aumento de 1,8% em número de transações. Entre as operações que envolveram mais volume financeiro na área de TI estão a compra da Niyati pela B2W por R\$ 127 milhões e a aquisição da Rezende Sistemas pela Linx, por R\$ 49,9 milhões. A PwC também destacou o aporte de R\$ 10 milhões que e.Bricks, Qualcomm e DGF Investimentos fizeram na Ingresse.com.

Outro setor que apresentou número expressivo de fusões e aquisições foi o de serviços auxiliares, com 40 transações, ante 47 no ano passado. O terceiro setor em número de transações foi o de varejo, com 39 operações, seguido setor financeiro (38) e mineração (25). O setor financeiro foi o que apresentou maior incremento no total de operações, de 58,3% na comparação anual.

Na avaliação de Pierantoni, o mercado brasileiro tende a apresentar na segunda metade do ano novas transações - principalmente de aquisições parciais ou totais - nos segmentos de tecnologia, educação e bens de consumo, tendo como alvo companhias com operação regional.

3-28/07/2014

País vai pesquisar minerais em águas internacionais

Por **Monica Gugliano** | **Para o Valor, de São Paulo**

O Brasil é o primeiro país da América do Sul a conquistar o direito de prospectar minerais no Atlântico Sul, em águas internacionais, além do limite das 200 milhas náuticas (370 km). A permissão foi concedida na assembleia da Autoridade Internacional dos Fundos Marinhos (ISBA), realizada em Kingston, na Jamaica.

Até agora, apenas França, Alemanha, Coreia do Sul, Rússia, China e Índia estavam autorizados a manter pesquisas e trabalhos em outras partes oceânicas. Todos também tinham interesse na área conhecida como Elevação do Rio Grande, a 3 mil km de distância da costa brasileira.

A Elevação fica a cerca de mil metros da superfície, numa região onde o oceano alcança 4 mil metros de profundidade. Nela, já foi constatada a existência de cobalto, zircônio, tântalo, telúrio, tungstênio, nióbio, tório, bismuto, platina, cério, európio, molibdênio, lítio e outros minérios essenciais para a indústria de alta tecnologia. Cientificamente, são chamados de nódulos polimetálicos.

O Plano de Trabalho para Exploração de Crostas Cobaltíferas na Elevação de Rio Grande foi apresentado pelas autoridades brasileiras no fim de dezembro do ano passado. A autorização outorga por 15 anos o direito de pesquisar o potencial do território. De acordo com o embaixador do Brasil na Jamaica, Antônio Francisco da Costa e Silva Neto, a aprovação foi o reconhecimento do trabalho que envolveu 16 ministérios.

"Foi uma vitória espetacular para o Brasil. Agora, um de nossos desafios será envolver as empresas nesse trabalho, mostrando que esse é um investimento estratégico", disse o embaixador, em entrevista por telefone ao **Valor**. Costa e Silva foi eleito para presidir a assembleia nos próximos 12 meses. A Autoridade é uma organização autônoma, pertencente ao sistema das Nações Unidas. Por intermédio dela, 166 Estados organizam e controlam as atividades no mar, particularmente com vistas à gestão de recursos minerais.

Após o período de 15 anos, o país poderá explorar e até extrair esse minério. "Além do caráter estratégico, a iniciativa brasileira permitirá o desenvolvimento de recursos humanos e desenvolvimento tecnológico", explicou Roberto Ventura, diretor de geologia e recursos minerais, da Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM).

O próximo passo será a assinatura do contrato entre o governo e a Autoridade para iniciar as pesquisas. "A proposta aprovada demonstrou a capacidade política, financeira e científica do Brasil", afirmou o almirante Marcos Silva Rodrigues, secretário da

Comissão Interministerial para os Recursos do Mar (Secirm), colegiado com participação de 16 ministérios.

Encontrar as riquezas minerais depositadas no fundo dos oceanos é, segundo especialistas em geologia marinha e outros cientistas, o maior desafio do século XXI. "O mar é a última fronteira do conhecimento. Dele, virão os recursos que serão usados no futuro", disse Rodrigues. Embora alguns países já estejam envolvidos nessa pesquisa, a Autoridade considera que ainda falta bastante até o momento em que esses recursos poderão ser extraídos.

"Não cremos que nenhum dos chamados contratantes esteja pronto para minerar nessas regiões. Esse trabalho requer um conhecimento avançadíssimo, portanto é preciso saber se é economicamente viável. Mas, do ponto de vista geopolítico e estratégico de uma nação, investir nesse conhecimento e demarcar esse território é uma conquista de valor incalculável", afirmou o embaixador brasileiro.

4-28/07/2014

A mineração chilena e o uso da água

O Chile um país com um PIB de US\$268 bilhões tem como a mineração a sua principal fonte de renda. O principal produto mineral do país é o cobre cuja produção corresponde a 60% de toda a produção mineral do país.

Graças ao seu clima seco e a sua geografia ímpar o Chile tem um sério problema: a falta de água doce. São poucos e pequenos os rios que descem a cordilheira com tamanho suficiente para abastecer a população, a agricultura e as indústrias.

Como bem sabemos, a mineração não vive sem a água. Em uma mina, o volume de água necessário para operar, principalmente, as plantas metalúrgicas é enorme. Consequentemente, para lavrar os minérios chilenos são necessários bilhões de litros de água doce que, a cada dia que passa, se torna mais escarça. O uso de grandes volumes de água doce faz o Chile refém da economicidade dos projetos e dos grupos preservacionistas que querem paralisar as operações.

Poucos dias atrás, o VP da Comissão Chilena do Cobre informou que o consumo de água doce na mineração de cobre, em 2021, será algo em torno de 27.700 litros por segundo, mais do que o consumo da cidade de S. Paulo, com suas dezenas de milhões de habitantes, uma das maiores cidades do mundo...

Ou seja, o consumo chileno de água na mineração do cobre, em 2021, será simplesmente imenso.

Como a água doce está praticamente em extinção no país andino os chilenos deverão investir, principalmente, em plantas de dessalinização da água do mar. Essa estratégia implica em elevados investimentos e custos operacionais. Serão altos os custos de

bombeamento dessa água, do mar até as minas situadas, geralmente, no alto das montanhas. Entre custos e investimentos o projeto de dessalinização irá reduzir consideravelmente a competitividade e a lucratividade do cobre chileno.

Espera-se que em 2021, pelo menos 9.700 litros por segundo da água usada na mineração do cobre, sejam provenientes dos projetos de dessalinização da água do mar.

Uma tarefa extremamente difícil de ser atingida.

Em paralelo serão feitas várias modificações nos processos mineiro-metalúrgicos que visam reduzir o consumo de água: nada tão radical como a dessalinização. É na metalurgia que 87% da água utilizada é consumida, conseqüentemente a recuperação desta água pode mudar completamente essa situação dramática que a mineração chilena enfrenta.

Os próximos anos verão grandes mudanças na mineração chilena que se ressentem da falta de água e de energia, os dois principais pontos fracos nesta equação.

Fonte: www.geologo.com.br

5-28/07/2014

BC Iron Limited – Exploração preliminar concluída em projetos de minério de ferro no Brasil

Por Mininig.com

BC Iron Limited (ASX: BCI) tem o prazer de anunciar a conclusão do programa de exploração inicial nos projetos de minério de ferro na Bahia e na sua propriedade de Minas Novas, no Brasil.

O trabalho de exploração está sendo gerenciado pela Cleveland Mining Company Limited (ASX: CDG) (“Cleveland”), em nome de uma aliança 50/50 entre BC Iron e Cleveland (“Aliança”), a qual tem o direito de receber até um 80 % de participação em cada projeto.

A BC Iron Limited apresenta os seguintes destaques:

- Sondagem RC de 1.584 m completada no projeto da Bahia em 6 prospectos
- Teores típicos do Itabirito – até 55% Fe em uma média de 31% Fe (teor de corte acima de 25% de Fe)
- Teste DTR indica que um concentrado de Fe 63-71% pode ser produzido a partir de uma faixa de moagem normalmente acima de 100 microns, com recuperação de massa de até 38%
- Caetitê 2, Caetitê 3 e Riacho prospectos na Bahia garantem a continuação dos trabalhos e que a Aliança é agora considerada os próximos passos

- Sondagem RC de 464m concluída no projeto Novas Minas em alvos com duas anomalias
- Trabalhos complementares são requeridos para alvos com testes aero magnéticos e mineralização em potencial – geofísica adicional, sondagem e mapeamento esta planejado

6-28/07/2014

Aécio e a mineração

Sinal de alerta piscando...

No seu programa de governo, de 76 páginas, o candidato Aécio Neves só fala de mineração duas vezes, e em um único parágrafo. Ele diz querer aprovar o novo MRM, “que irá conferir maior estabilidade ao setor, permitindo a expansão da indústria da mineração, importante item de nossa balança comercial. “

A atenção dada à mineração pelo político, que é de Minas Gerais, é muito pequena e sem nenhuma profundidade. Não é mencionado mais nada sobre mineração, minério, minas, geologia etc...

Fonte: www.geologo.com.br

7-28/07/2014

CICLO DO MINÉRIO ELEVA O PIB DE MARIANA A R\$ 5 BILHÕES

Andar pelas ruas estreitas desta cidade histórica, a primeira capital de Minas Gerais, é um convite à apreciação do charme das igrejas e casarões, cada um mais bonito que o outro. Legado do Ciclo do Ouro, o patrimônio impressiona, mas a calma dos tempos de outrora ficou para trás. Nos últimos 50 anos, a população da cidade aumentou seis vezes de tamanho. Hoje, moradores dividem o espaço apertado com ônibus, caminhões e uma frota de quase 20 mil veículos para 56 mil habitantes.

O progresso econômico e grande parte das pessoas chegaram na carona da mineração. Atraídas pelo subsolo rico em minério, as mineradoras intensificaram a atividade em Mariana na primeira década do século XXI, quando o mercado mineral passou por um período de intensa valorização. E elevaram o Produto Interno Bruto (PIB) às alturas. Entre 2000 e 2011, a soma de todos os bens e serviços produzidos saltou de R\$ 468 milhões para R\$ 5,4 bilhões, segundo cálculos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O setor foi responsável por 80% desse montante, o equivalente a R\$ 4,3 bilhões. Só a Samarco, que chegou ao município em 1977, mas intensificou suas operações em 2008, contribuiu com R\$ 1,9 bilhão nas contas de 2011. Naquele ano, a empresa de capital

fechado, controlada por Vale S/A e BHP Billiton Brasil Ltda, inaugurou o Projeto Terceira Pelotização. Com investimento de US\$ 1,35 bilhão, aumentou a capacidade produtiva para 21,6 milhões de toneladas por ano.

O aumento do PIB refletiu em um crescimento de 414% da receita orçamentária do município, passando de R\$ 10,6 milhões, em 2000, para R\$ 268 milhões, doze anos mais tarde. Para 2014, o orçamento estimado da Prefeitura de Mariana, aprovado pela Câmara Municipal, foi de aproximadamente R\$ 342 milhões.

A riqueza que vem do subsolo impactou o emprego formal – entre 2002 e 2012, o município de Mariana passou de 5.953 vagas com carteira assinada para 12.766, crescimento de 114% no período. A cidade também alcançou um dos melhores índices de formalização do trabalho, chegando a 2010 com 45,7% dos trabalhadores da população economicamente ativa com carteira.

“A base da nossa economia é a indústria minerária, de onde vêm 88% de nossa receita. Ela mexe com o desenvolvimento econômico, reflete no comércio, gera impostos e novos empregos. Mas assim como o ciclo do ouro nos deixou como herança atrativos culturais, cabe a nós construir o legado da mineração. E isso serve para todas as cidades históricas mineradoras”, afirma o prefeito Celso Cota, que também preside a Associação dos Municípios Mineradores de Minas Gerais (Amig).

Segundo ele, entre 5.500 e 6 mil pessoas ganham a vida a partir da mineração. “Esse número oscila de acordo com os investimentos”, diz ele, que aposta em um incremento nas contratações com a implantação pela Vale, no Complexo Mariana, de um projeto de beneficiamento de minério de baixo teor.

Cota defende a aprovação do novo marco regulatório do setor. Com a nova lei, as mineradoras serão obrigadas a aumentar o valor da Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais (Cfem), que, no caso do minério de ferro, passaria de 2% do valor líquido de venda para 4% do valor bruto.

Atividade aquece serviços e comércio

Tantas oportunidades advindas da mineração fazem a alegria de quem trabalha com comércio ou serviços. Dono de uma franquía do Number One em Mariana, Antônio Paulo conta que 90% dos 250 alunos da escola de idiomas são trabalhadores da mineração ou seus familiares.

“Algumas empresas custeiam parte do curso. É uma fatia importantíssima para o negócio”, diz.

O apetite dos estudantes o levou a abrir uma lanchonete dentro da escola. E o empreendimento deu tão certo que o empresário resolveu expandi-lo. Foi aí que ele abriu a Chantilly Confeitaria, localizada em frente à Praça Gomes Freire. De seis anos

para cá, passou a ser acionado para fornecer doces, salgados e os famosos cupcakes para coffee breaks e demais festividades das empresas.

A empresária Jaqueline Gouveia viu em Mariana uma chance de mudar de vida. Depois que ficaram sabendo da venda de um supermercado no município, ela e a família, que moravam em Ponte Nova, fizeram as malas e fecharam negócio. Hoje, comandam o Jatobá, onde 80% dos fregueses trabalham em atividades ligadas ao minério.

“O setor sustenta Mariana. Mas a mineração também pode trazer problemas, por exemplo, para o meio ambiente. Por aqui, não pagamos água, mas vira e mexe ficamos sem ela. Aí só chamando o caminhão pipa”, relata.

Outro lado

O prefeito Celso Cota diz que conhece bem os desafios que a atividade traz. “Temos quatro focos de invasão de famílias qu[LEAD]e vieram de fora. São questões que precisam ser resolvidas e englobam a demanda nas áreas de saúde, segurança, educação e mobilidade”, diz.

Segundo ele, sem uma curva ascendente de recursos para manter os serviços, daqui a 20 anos a cidade terá sérios problemas estruturais. “Por isso elaboramos um Plano de Desenvolvimento Econômico. E um dos projetos é a Estrada Parque: Caminhos da Mineração, que cria um circuito turístico no eixo histórico-minerador que passa por três comunidades, valorizando a cultura, história e belezas naturais”, ressalta.

Fonte: Hoje em dia

8-28/07/2014

OBRAS DO TERMINAL MARÍTIMO DE TELUK RUBIAH AVANÇAM NA MALÁSIA

A montagem mecânica das linhas de importação e exportação, executadas em terra, é uma das etapas da construção do terminal marítimo e centro de distribuição de Teluk Rubiah, em Lumut, na Malásia, que mais avançaram nos últimos meses. O trabalho, que vem sendo realizado desde 2011 pela Vale e contratadas, poderá até mesmo ser concluído antes do prazo, segundo um dos coordenadores da obra, Soe Myint, da empresa A&T.

A linha de importação onshore já foi concluída, enquanto a linha de exportação tem previsão de conclusão para este mês. Já foram utilizados cerca de 21,2 mil toneladas de estruturas de aço, juntamente com 32,4 mil metros de tubulação e 4,5 mil metros de trilhos, que serão utilizados na movimentação do minério de ferro por correias transportadoras. Outras etapas já finalizadas foram as de montagem mecânica da linha

de importação e exportação no mar, além da montagem de um carregador de navios e de três descarregadores móveis.

Estratégia e sustentabilidade

Teluk Rubiah representa um avanço na estratégia da Vale de se aproximar do mercado asiático e ser capaz de oferecer produtos adequados à demanda. O terminal representa ainda uma oportunidade de aprendizado para a empresa, pois vai utilizar tecnologias que nenhum outro terminal portuário da Vale aplica atualmente. Todos os aspectos e impactos no que diz respeito às pessoas, à comunidade e ao meio ambiente foram cuidadosamente tratados sempre com o olhar de longo prazo.

Fonte: Vale

9-28/07/2014

TECON SALVADOR VAI EXPORTAR VANÁDIO PRODUZIDO NA BAHIA

O Terminal de Contêineres (Tecon) do Porto de Salvador atraiu novas cargas no primeiro semestre de 2014. Entre os destaques, há produtos químicos e minerais, como concentrado de níquel e carbeto de silício (SiC). Nos próximos meses, o terminal vai iniciar embarques regulares de pentóxido de vanádio (V₂O₅) proveniente da Vanádio de Maracás, mineradora da Largo Resources no interior da Bahia.

Uma das novas cargas do setor de mineração é o concentrado de níquel produzido pela Mirabela Nickel na região de Itagibá (BA), que passou a ser exportado por Salvador para o mercado asiático no começo desse ano. Até junho, foram embarcados 1,5 mil TEUs, medida equivalente a um contêiner de 20 pés, do produto e a perspectiva é escoar outros 1,2 mil TEUs até o fim do ano.

Outra grande conquista do terminal é o início da movimentação de pentóxido de vanádio, com a inauguração da mineradora da Largo em Maracás (BA). A empresa brasileira será a primeira a extrair e processar vanádio nas Américas e terá o menor custo de produção do mundo.

O primeiro embarque do pentóxido de vanádio está previsto para agosto e a expectativa é que a mineradora movimente cerca de 9 mil toneladas a partir do segundo ano de produção. O metal, utilizado na construção de foguetes espaciais, aviões e trilhos ferroviários, será exportado para os Estados Unidos, Europa, Coreia do Sul e Japão.

No segmento de químicos, o Tecon Salvador realizou, em abril, seu primeiro embarque de carbeto de silício, matéria-prima na produção de abrasivos, cerâmicos e refratários utilizados na construção civil. O embarque experimental ocupou três contêineres de 20 pés e teve como destino os Estados Unidos.

Nos seis primeiros meses do ano, o terminal movimentou mais de 13 mil TEUs de produtos químicos que incluem ácidos, compostos, hidrocarbonetos e químicos orgânicos e inorgânicos. Já a movimentação de minérios no semestre foi de 5.059 TEUs. Entre os principais produtos estão ferro, cobre, grafite, níquel e manganês.

O Tecon Salvador se destaca hoje entre os principais e mais modernos terminais de contêineres do Nordeste, ocupando o primeiro lugar na região em movimentações de longo curso, que envolvem a corrente de comércio exterior. No final de 2012, o terminal duplicou a sua capacidade e adquiriu novos equipamentos, o que teve impacto positivo sobre a produtividade e agilidade dos serviços.

“Podemos trabalhar com uma pauta de cargas diversificada, que vai do agronegócio até a indústria. O Tecon conta hoje com uma boa estrutura operacional e mais ofertas de serviços marítimos”, diz a diretora comercial Patrícia Iglesias.

O operador do terminal é o Grupo Wilson Sons, um dos maiores operadores integrados de logística portuária e marítima e soluções de cadeia de suprimento no mercado brasileiro.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

10-29/07/2014

DNPM se reúne com Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão

O chefe de gabinete do DNPM, Ildeumar Dias da Fonseca, e o diretor de Gestão Administrativa em exercício, Marcus Flávio Oliveira, estiveram reunidos na Secretaria de Orçamento e Finanças do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (SOF/MPGO), na última sexta-feira, dia 25.

Na ocasião, demonstram a necessidade emergencial de expansão dos novos referenciais monetários, principalmente, nas seguintes ações:

- Administração das Unidades – Sede e Superintendências;
- Reformas das Unidades Regionais;
- Serviço de Desenvolvimento de Sistema/ Investimento em Tecnologia da Informação.

Na reunião, foram inclusive sabatinados pelo Departamento de Programas e Infraestrutura (DEINF/SOF). Estiveram presentes na reunião o chefe da Coordenadoria de Orçamento do Ministério do Planejamento (MPGO), Alexandre Furtado; o coordenador-geral do (MPOG), Adriano Gomes; o assessor especial do (MPOG), Raimundo Cruz; o diretor do Departamento, Zarak Ferreira; o gerente, Paulo Afonso Vieira Junior; o gerente, José Eduardo Gonçalves; a coordenadora do Núcleo do MME/Ministério das Cidades, Leila Kuhnert Gonçalves; o assistente do Núcleo do MME/Ministério das Cidades, Alysson Marques; e o coordenador-geral de Orçamento e Finanças do Ministério de Minas e Energia (MME), Max Lopes Bezerra.

Fonte: DNPM – Assessoria de Comunicação Social

11-29/07/2014

Total vai vender suas minas de carvão na África do Sul

A petroleira francesa Total está vendendo, por US\$472 milhões as suas minas de carvão para a Exxaro. Exxaro é uma mineradora controlada por negros Sul-africanos, listada na bolsa de Johannesburg.

No negócio serão vendidas as minas de Dorstfontein e Forzando, juntamente com outros prospectos de carvão ainda não desenvolvidos. Em 2013 a Total exportou 4,5 milhões de toneladas de carvão principalmente para a China. A Exxaro ficará com 76% das minas e a MMakau Mining, outra mineradora controlada por negros sul-africanos, com o restante.

Fonte: www.geologo.com.br

12-29/07/2014

Dilma celebra recorde da Vale: ato falho em defesa da privatização

A VEZ DO FERRO

A Vale quebrou recorde histórico de produção de minério de ferro para o segundo trimestre.

Entre abril e junho, a empresa produziu 79,4 milhões de toneladas do minério. Alta de 12,6% em relação ao mesmo período de 2013.

A melhor marca da empresa havia sido no segundo trimestre de 2012, com a produção de 77,8 milhões de toneladas de minério de ferro.

No acumulado do semestre, a Vale registrou uma alta de 11,1%, em relação ao mesmo período de 2013. Foram 150,5 milhões de toneladas de minério.

Os números positivos reforçam a confiança da empresa em atingir a meta de produção de 312 milhões de toneladas e vender 321 milhões de toneladas neste ano.

Fantástico! É incrível ver a Vale bater recordes de produção, não é mesmo? Resta perguntar por que Dilma está celebrando tanto? Seria um reconhecimento tardio de que a privatização da estatal, tão condenada pelo PT, foi boa afinal? Seria um ato falho que mostra como a própria presidente sabe que privatizar faz bem para a empresa e o país?

É isso mesmo, Dilma! Celebremos os recordes da Vale, cada vez empregando mais gente, trazendo mais divisas para o país, gerando mais riqueza, produzindo mais, tudo de forma bem mais eficiente pois focada no lucro e com o escrutínio de sócios privados que desejam bons retornos para seus investimentos.

Compare-se a isso a Petrobras ainda estatal, braço partidário do PT, envolvida em infundáveis escândalos de corrupção, torrando bilhões dos acionistas em trapalhadas ou

projetos dúbios, acumulando apenas mais dívida sem conseguir transformar isso em mais caixa. Que coisa, não?!

Fonte: Rodrigo Constantino-Veja.com

13-29/07/2014

Goldcorp inicia produção de ouro em Cerro Negro

A mineradora Goldcorp produziu a primeira barra de ouro (dore) de 100Kg, na sua mina de Cerro Negro, em Santa Cruz na Argentina. A Goldcorp comprou Cerro Negro em 2010 e espera produzir 180.000 onças de ouro ainda em 2014.

Cerro Negro é um depósito de classe mundial, epitermal de ouro de alto teor, do tipo low sulfidation associado a stockworks. As reservas de Cerro Negro atingem 5,74 milhões de onças de ouro conforme relatório do final do ano passado. O CAPEX da mina será de US\$1,6 bilhões.

A Goldcorp é uma mineradora de ouro que consegue produzir a baixo custo. Ela produziu no trimestre 679.900 onças de ouro a um all-in sustaining cost (AISC) de \$950/oz. No período a Goldcorp produziu, também, 9,6 milhões de onças de prata.

Fonte: www.geologo.com.br

14-29/07/2014

CNI sugere mudanças na política fiscal para resgatar confiança na economia

Por **Edna Simão** | De Brasília

Para potencializar o efeito da política monetária no controle da inflação e ajudar a resgatar a confiança na política econômica, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) defende que uma série de mudanças na política fiscal seja implementada pelo próximo governo. Uma delas é a adoção de uma meta de resultado primário estrutural, ou seja, que considere ajustes ao ciclo econômico, assim como os preços das commodities e de ativos relevantes para a receita, e desconte as receitas e despesas recorrentes e operações contábeis.

A CNI quer ainda a criação de um órgão, de preferência, independente para calcular esse resultado primário estrutural e ajustes na Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF). As propostas serão discutidas amanhã com os presenciáveis que participam de debate da entidade.

Na avaliação da CNI, a meta de resultado primário estrutural precisa ser factível, com adoção ou não de uma banda. O governo já faz algumas deduções da meta como os investimentos e desonerações, porém, a aplicação do conceito de "resultado estrutural" às metas de superávit primário seria capaz de simultaneamente dar maior flexibilidade e transparência à política fiscal.

"Flexibilidade porque, como vimos, os ciclos econômicos e outros fatores exógenos interferem nos resultados fiscais, não sendo correto perseguir uma meta rígida em todas as conjunturas nem avaliar a política fiscal [expansões ou contrações] pela simples variação desses resultados. Transparência porque o conceito de estrutural permite dimensionar melhor o esforço efetivo da autoridade fiscal, livre não só dos ciclos, mas também das chamadas operações não recorrentes, oferecendo um parâmetro mais adequado para avaliar a sustentabilidade da política fiscal", explicou CNI. A entidade é presidida pelo empresário mineiro Robson Andrade. Engenheiro mecânico formado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Andrade dirige a Orteng Equipamentos e Sistemas, que produz equipamentos para os setores como energia, petróleo, gás, mineração, siderurgia, saneamento e telecomunicações.

Atualmente, uma das principais críticas de economistas de mercado à política fiscal brasileira é a qualidade do superávit primário nos últimos anos, que vem sendo feito com base em receitas extraordinárias de parcelamentos especiais como o Refis, assim como as "trapaças fiscais", em detrimento de corte de despesas. O Banco Central (BC), por exemplo, já faz o cálculo do resultado primário estrutural e o utiliza como um dos critérios para balizar as decisões sobre a trajetória da taxa de juros no país (Selic), que atualmente é de 11% ao ano.

"A necessidade de se alterar o regime fiscal brasileiro se deve às deficiências do atual regime, que não é flexível e compromete a composição do gasto público, com os ajustes recaindo pesadamente sobre os investimentos", informou o documento.

Pelos cálculos da entidade, o país precisaria fazer um superávit primário estrutural de algo em torno de 2% do Produto Interno Bruto (PIB) para manter a dívida líquida equilibrada. Atualmente, a meta de primário definida pelo governo é de 1,9% do PIB.

"Uma meta [de primário] invariável ao comportamento da economia implica grandes dificuldades para cumpri-la nos momentos de crise ou desaceleração e tendência a desperdício nos momentos de crescimento vigoroso, em função da maior volatilidade das receitas em comparação ao PIB. Uma das consequências empíricas desse modelo é que os investimentos públicos são suspensos ou retardados nos momentos de crise, quando deveriam ser intensificados, enquanto nos momentos de bonança econômica cria-se espaço para qualquer tipo de despesa crescer", ressaltou a entidade em documento.

Por outro lado, a adoção de resultado primário estrutural continuará não captando os efeitos de políticas parafiscais como, por exemplo, as operações do Tesouro Nacional

com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), cujos subsídios implícitos diluem-se na conta de juros nominais líquidos.

Para a CNI, ajustes na LRF também precisam ser feitos. Os principais problemas dessa lei, conforme a entidade, são: a ineficácia para limitar os gastos e a dívida mobiliária na esfera federal; a ênfase sobre alguns agregados de despesas (pessoal) em detrimento de outros (custeio), no caso dos estados e municípios; bem como a ausência de dispositivos adequados para enfrentar as intempéries da economia.

"Embora o binômio "Lei de Responsabilidade Fiscal e metas de superávit primário", tenha gerado resultados positivos no passado, já são percebidos sinais de obsolescência diante dos desafios recentes voltados para a criação de um regime fiscal alinhado com o crescimento sustentado", explicou a CNI. A entidade frisou ainda que essa "agenda para o regime fiscal se baseia em mudanças factíveis de implementação no curto prazo, independentemente de reformas mais profundas da estrutura fiscal e tributária do país, o que não significa que as mesmas não sejam necessárias".

15-29/07/2014

Zinco sobe 16% no ano e ajuda Votorantim Metais

Por **Olivia Alonso** | De São Paulo

Com uma forte escalada nas últimas semanas, o preço do zinco subiu 9,6% em julho e atingiu o maior preço em quase três anos na sexta-feira, negociado a US\$ 2.410 por tonelada na bolsa de metais de Londres (LME). Muito usado na galvanização do aço, para evitar a corrosão, o metal tem hoje uma situação de mercado mais apertada do que há um ano, o que tem impulsionado a cotação. Desde o início do ano, a valorização é de 16,4%.

A melhora da demanda global, principalmente na China, tem ajudado a elevar os preços. Os chineses elevaram em 12% o consumo de zinco nos primeiros quatro meses do ano e foram responsáveis por 44% da demanda global. Entre os setores de maior uso estão as indústrias automobilísticas, de linha branca e a construção civil.

O crescimento da oferta, por outro lado, tem um ritmo bem mais brando, segundo os dados do Grupo Internacional de Estudos de Chumbo e Zinco (ILZSG, na sigla em inglês). De janeiro a abril deste ano, a demanda global cresceu 7,5%, quase o dobro do aumento da oferta, de 4,1%.

Analistas afirmam que algumas empresas fecharam as portas recentemente e que diversas minas estão em fase final de produção e serão encerradas nos próximos dois anos. "As restrições de oferta identificadas nas indústrias de zinco, estanho e chumbo vão se tornar ainda mais prementes ao longo do próximo ano", diz Stephen Briggs, analista do BNP Paribas.

Na opinião dos especialistas, com o ambiente de demanda mais positivo - também nos Estados Unidos - e a oferta contida, há espaço para mais aumentos de preço do metal. A projeção de Briggs para o ano que vem é de uma cotação de US\$ 2.600 por tonelada de zinco, 8% acima do valor atual.

Com o maior aperto do mercado, o volume em estoque nos armazéns da LME está em queda, o que também ajuda a sustentar o preço. Desde o início do ano, as pilhas de zinco nos galpões da bolsa caíram 30%, passando de 930 mil toneladas ao fim de dezembro de 2013 para 654 mil toneladas.

No Brasil, a melhora do mercado do zinco é notícia positiva para Votorantim Metais (VM). A empresa reúne os negócios de metais da Votorantim Industrial e é a única produtora de zinco do país, com cerca de 730 mil toneladas ao ano. Possui refinarias em Três Marias e Juiz de Fora, em Minas Gerais, cuja produção é destinada ao mercado local, e em Cajamarquilla, no Peru, para exportação.

No momento, está na fase inicial de um novo projeto de exploração em Aripuanã (MT), com investimento previsto em R\$ 400 milhões e sem data definida para início de operação. A capacidade esperada é de 55 mil toneladas ao ano, além de 20 mil toneladas de chumbo e seis mil toneladas de cobre.

Apesar de observar uma melhora no mercado mundial de zinco, a empresa mostra cautela. Por meio de sua assessoria de imprensa, diz que tem percebido um enfraquecimento da demanda no Brasil, o que pode afetar seus resultados do segundo semestre.

"O mercado mundial de zinco continua apresentando sinais positivos, por conta da recuperação da economia dos Estados Unidos e Europa. Já no Brasil, a Votorantim Metais percebe um desaquecimento do mercado doméstico em linha com o cenário macroeconômico brasileiro", diz.

No primeiro trimestre deste ano, quando o preço médio do zinco estava em US\$ 2.027 por tonelada, o metal rendeu à VM um lucro de R\$ 95 milhões e uma receita de R\$ 982 milhões. Se o resultado se repetir nos outros trimestres, a companhia terminaria o ano com um lucro de R\$ 380 milhões, número muito melhor do que o prejuízo de R\$ 318 milhões no ano passado. A divisão de zinco da VM faturou R\$ 3,7 bilhões em 2013. A cotação média anual na LME foi de US\$ 1.939 por tonelada, 1,2% abaixo da média de 2012, de US\$ 1.963 por tonelada.

16-29/07/2014

Harmony Gold vai reabilitar seus rejeitos contaminados com plantações de beterraba

A mineradora Harmony Gold, a quinta maior do mundo está entrando em parceria com a Selectra CC para recuperar as áreas devastadas pela mineração. O método a ser utilizado será as plantações de beterrabas e capim gigante.

As beterrabas serão plantadas sobre os rejeitos super finos, contaminados por produtos químicos tóxicos, onde nada cresce. As beterrabas irão recuperar o solo extraíndo as toxinas depositadas durante décadas de mineração. Após a colheita as beterrabas e o capim gigante serão usados para a produção de biogás em plantas localizadas nas imediações dos rejeitos. Os benefícios serão múltiplos e vão desde a recuperação ambiental até a geração de energia

Fonte: www.geologo.com.br

17-29/07/2014

AVANCO LEVANTA US\$ 12 MI PARA ANTAS NORTH

A Avanco Resources anunciou ontem (28) que assinou um acordo vinculativo com a Black Rock World Mining Trust, que vai fornecer US\$ 12 milhões em troca de pagamento de royalties sobre cobre, ouro e outros metais produzidos no projeto Antas North, no Pará. Segundo a mineradora, a transação representa a primeira parcela garantida do financiamento necessário para o desenvolvimento da mina de cobre.

A expectativa da Avanco é produzir 12 mil toneladas de cobre por ano na mina. Segundo a mineradora, a primeira fase de investimento no projeto foi estimada em US\$ 70 milhões, sendo US\$ 50 milhões para pré-produção, US\$ 10 milhões para despesas eventuais e US\$ 10 milhões para capital de giro.

De acordo com comunicado enviado ao mercado nesta segunda-feira (28) pela Avanco, foi concluída uma auditoria técnica (due diligence) e as estruturas de financiamento e impostos foram aceitas pelas duas empresas.

O acordo prevê US\$ 12 milhões da Black Rock em troca de um net smelter return, pagamento de royalties de 2% sobre cobre, 25% sobre ouro e 2% sobre os outros metais que forem produzidos nas áreas de Antas North e Pedra Branca. A Black Rock também terá direito a 2% da produção de qualquer outro metal que a Avanco descubra no projeto de cobre.

A mineradora informou que para avaliar o acordo de royalties assinado com a Black Rock, foi contratado um especialista em finanças no setor de mineração para examinar o impacto nas receitas da primeira fase de Antas North. O Conselho de Administração da Avanco disse estar satisfeito com os termos comerciais estipulados no acordo.

Com os US\$ 12 milhões garantidos, a mineradora informou que agora trabalha para conseguir mais US\$ 28 milhões por meio do Banco Votorantim. Em junho do ano

passado, a Avanco assinou um termo de compromisso não vinculativo de US\$ 58 milhões com o banco.

Do total, o comitê de crédito do Votorantim aprovou US\$ 30 milhões. Os US\$ 28 milhões restantes vão ser obtidos por meio de financiamento sindicalizado, liderado pelo Banco Votorantim. Segundo o comunicado da Avanco, a entidade financeira informou, sem mais detalhes, que obteve sucesso com outros bancos, durante reuniões em São Paulo, na oferta de participações na primeira fase do projeto de cobre.

A Avanco Resources é responsável, além de Antas North, pelos projetos Rio Verde e Pedra Branca, todos localizados na província mineral de Carajás, no Pará.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

18-29/07/2014

ARTIGO: IMPORTÂNCIA DA MINERAÇÃO

Joseph Young-Coordenador-geral da Equipe Mining 2014

Das máquinas modernas às mais simples presentes em nosso cotidiano, passando pelos materiais que edificam nossas casas, os minerais estão presentes em praticamente todos os bens duráveis produzidos na atualidade. Em seus mais de 8,5 milhões de quilômetros quadrados, o Brasil possui uma grande diversidade de formações geológicas, o que lhe confere uma grande diversidade de minérios. Produzimos 72 substâncias minerais, incluindo minerais metálicos, não metálicos e energéticos.

Com o Brasil entre os três maiores produtores do mundo, com 390 milhões de toneladas em 2013, o minério de ferro, por exemplo, é matéria-prima do aço, que está nas estruturas dos prédios, em quase todos os eletrodomésticos e eletrônicos e tudo o que tem o metal em sua composição. O ouro, que tem 75 toneladas produzidas anualmente no Brasil, vai muito além das joias e adornos, com diversas aplicações críticas na indústria eletrônica e aeroespacial.

Uma de nossas estrelas, o nióbio brasileiro responde por nada menos que 98% da produção mundial. O mineral, raro e considerado altamente estratégico, é usado como liga na produção de aços especiais e é um dos metais mais resistentes à corrosão e a temperaturas extremas. O nióbio é atualmente empregado em automóveis, turbinas de avião, gasodutos, em tomógrafos de ressonância magnética, na indústria aeroespacial, bélica e nuclear, além de outras inúmeras aplicações, como lentes óticas, lâmpadas de alta intensidade, produtos eletrônicos, entre outros.

O país detém ainda bilhões de toneladas de silício, ou seja, matéria-prima para a fabricação de componentes de celulares, computadores, lâmpadas especiais e, sobretudo, painéis solares de geração elétrica. Cristalina (GO), a 130km de Brasília, é responsável por mais uma reserva de bilhões de toneladas de silício com o mais elevado

índice de pureza do mundo, acima de 99,99%. Para o alumínio de painéis, latas, janelas, portas e componentes aeronáuticos, precisamos extrair a bauxita - matéria-prima desse metal - , que tem o Brasil figurando entre os maiores produtores do mundo, com mais de 30 milhões de toneladas anuais e quase 15% da produção mundial. A brita, ou pedra, extraída em pedreiras em todo o país, é componente de todo tipo de concreto, que está na base da construção de moradias e estradas.

O gigantesco mercado da mineração produzirá US\$ 43 bilhões em 2014, apenas no Brasil, segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM), que também prevê investimentos de US\$ 53,6 bi para o setor nos próximos 5 anos. E não são apenas as grandes mineradoras que se beneficiam, mas toda a cadeia produtiva da mineração.

Minas Gerais responde por 41% dos futuros investimentos para o setor no país. O estado é responsável por 53% da produção brasileira de minerais metálicos e 29% de minérios em geral. A mineração está presente em mais de 250 municípios mineiros e, das 10 maiores minas do Brasil, 40 estão localizadas no estado. Ainda, 67% das chamadas minas brasileiras classe A, com produção superior a 3 milhões de toneladas por ano, estão em MG.

Enfim, podemos facilmente chegar à conclusão que, sem a mineração, a vida moderna não seria possível. Por isso, devemos sim cobrar de empresas mineradoras que realizem suas atividades de forma sustentável e que tenham contrapartidas compatíveis com o inevitável impacto ambiental causado por elas. Mas vamos fazê-lo lembrando do papel fundamental de cada mineral para o funcionamento da nossa vida cotidiana, e valorizando as medidas de responsabilidade social que realizam e a riqueza que geram para as comunidades em que atuam. É irresponsável acusar as minas sem reconhecer sua necessidade, sem conhecer suas atividades e sem enxergar o importante papel social e econômico que ocupam em nossa sociedade.

Fonte: Estado de Minas

19-29/07/2014

CNI APRESENTA AOS PRESIDENCIÁVEIS PROPOSTAS PARA PROMOVER O DESENVOLVIMENTO

Os 42 estudos com sugestões em dez áreas decisivas para promover a competitividade pautarão o Diálogo da Indústria com Candidatos à Presidência da República, que ocorrerá na quarta-feira, 30 de julho

Os impostos elevam em 10,6% o valor de um investimento no Brasil. O custo com mão de obra subiu 58% desde 1996. O país gasta com a Previdência Social a mesma proporção do Produto Interno Bruto (PIB) que os Estados Unidos, onde a população idosa é duas vezes e meia superior à brasileira. Esses são exemplos de custos que atrapalham a competitividade do produto nacional.

Além de reduzir os custos, o país precisa atuar em outras áreas para enfrentar a concorrência estrangeira. Entre as ações estão a revisão da política de gás natural, o aperfeiçoamento da política de concessões em infraestrutura e a mudança dos currículos dos cursos de engenharia. Essas medidas integram o conjunto de propostas que a Confederação Nacional da Indústria (CNI) apresentará aos candidatos à Presidência da República, em 30 de julho, no evento Diálogo da Indústria com Candidatos à Presidência da República, que será realizado entre 10h e 16h30 na sede da CNI, em Brasília.

O encontro - coordenado pelo presidente da CNI, Robson Braga de Andrade - terá a participação da presidente Dilma Rousseff (PT), que concorre à reeleição, e dos candidatos Aécio Neves (PSDB) e Eduardo Campos (PSB). Cada um terá um tempo de 1h25 para ouvir as prioridades da indústria, apresentar suas propostas e responder às perguntas dos empresários.

O evento, que terá a presença de mais de 700 empresários de todo o país, será pautado pelos 42 estudos que a CNI organizou com a ajuda de líderes empresariais, especialistas e representantes das associações e federações da indústria. Reunidos no documento Propostas da Indústria para as Eleições 2014 (veja lista abaixo), os estudos traçam diagnósticos do cenário atual e trazem propostas de melhoria do ambiente de negócios brasileiro.

"Ao apresentar esse conjunto de propostas aos candidatos, pretendemos ajudar o país a ampliar a capacidade de crescimento", afirma o diretor de Política e Estratégia da CNI, José Augusto Fernandes. Segundo ele, a reforma tributária é uma das prioridades da agenda para o Brasil crescer mais e melhor. "Há muitas distorções no sistema tributário, e a principal é a cumulatividade dos impostos que encarecem o produto brasileiro e tiram a competitividade do país."

Desde a eleição de 1994, a CNI entrega propostas aos candidatos à Presidência. Os 42 estudos da CNI, que serão disponibilizados no Portal da Indústria (www.cni.org.br/eleicoes2014), foram construídos com base nas diretrizes do Mapa Estratégico da Indústria 2013-2022, que estabelece as ações necessárias para fazer o Brasil crescer mais e melhor na década. Assim como o Mapa, as propostas aos presidentiáveis são divididas em dez fatores-chave: educação; ambiente macroeconômico; eficiência do Estado; segurança jurídica e burocracia; desenvolvimento de mercados; relações de trabalho; financiamento; infraestrutura; tributação; inovação e produtividade.

Fonte: CNI

20-29/07/2014

Amapá, o pior estado brasileiro para investimentos estrangeiros

Pesquisa feita pela revista inglesa The Economist, mostra que a corrupção endêmica faz do Amapá o pior estado do Brasil para investimentos estrangeiros. A corrupção, os ilícitos envolvendo funcionários públicos, a falta de infraestrutura e de políticas de regulamentação de impostos são os piores pontos da avaliação do Amapá. Nestes o estado ganhou nota zero!

As estrangeiras que atuam no Amapá são oito. Elas atuam predominantemente no ramo da mineração e da indústria madeireira. O Tocantins, Piauí e Maranhão completam a lista dos quatro piores estados do país em relação a investimentos estrangeiros. Os melhores estados são os do Sul e Sudeste como indica a pesquisa.

Fonte: www.geologo.com.br

21-30/07/2014

China: produção de não-ferrosos cresce 5,4% no ano

A produção combinada de alumínio, cobre, alumina, chumbo e zinco aumentou 5,4% na comparação anual conforme a National Development and Reform Commission . As maiores altas vieram do cobre (8,1%) e do alumínio (7,4%).

Fonte: www.geologo.com.br

22-30/07/2014

Gerdau tem lucro menor no 2o tri e corta investimento para 2014



SÃO PAULO (Reuters) - A Gerdau teve queda anual de 2 por cento no lucro líquido do segundo trimestre, pressionada por fraqueza nas operações siderúrgicas e de minério de ferro no Brasil. A empresa também anunciou corte de 500 milhões de reais no investimento previsto para este ano.

A maior produtora de aços longos das Américas teve lucro líquido de 393 milhões de reais entre abril e junho, num resultado praticamente em linha com expectativa média de analistas, de 387 milhões de reais.

A geração de caixa medida pelo lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda) alcançou 1,17 bilhão de reais no período, recuo de 2,2 por cento sobre um ano antes.

Menor atividade industrial no Brasil, tombo na demanda por veículos e uma queda nos preços do minério de ferro devem impactar o setor siderúrgico do país em 2014, que segue sendo pressionado por forte nível de importações diretas e indiretas.

Na semana passada, a Usiminas divulgou que o cenário no mercado interno brasileiro fará a empresa focar mais em exportações no terceiro trimestre, apesar da forte competição com produtores internacionais.

Nesta quarta, a Gerdau afirmou que a expectativa de investimentos de 2014 foi reduzida de 2,9 bilhões de reais para 2,4 bilhões. A Gerdau já vinha mostrando cautela desde o início do ano, quando alterou sua política de divulgação de orçamentos de investimentos de cinco anos para um ano.

A empresa informou na véspera a transferência a partir de setembro da produção de laminador de Sorocaba (SP) para outras unidades afirmando ter "necessidade de otimização das atividades no segmento de aços especiais para indústria automotiva, frente ao complexo cenário vivenciado pela indústria do aço no Brasil e no mundo".

O resultado da Gerdau foi apoiado pela divisão da América do Norte, onde a receita subiu quase 16 por cento, a 3,58 bilhões de reais, enquanto o Ebitda saltou 77,8 por cento, 281 milhões de reais.

A valorização do real contra o dólar no período também ajudou a conter a queda no lucro da companhia. O resultado financeiro negativo mostrou recuo de 61,5 por cento na comparação anual, a 211 milhões de reais.

A Gerdau encerrou junho com forte queda na alavancagem, cuja relação dívida líquida sobre Ebitda caiu de 3,1 vezes no segundo trimestre de 2013 para 2,4 por cento neste ano. A empresa promoveu em abril uma operação de troca de bônus que envolveu emissão de 1,2 bilhão de dólares em títulos.

No segundo trimestre, a Gerdau reduziu as vendas de aço em 2,4 por cento sobre o mesmo período do ano passado, para 4,524 milhões de toneladas, enquanto a produção teve leve incremento de 0,5 por cento, a 4,668 milhões de toneladas.

Já os custos das vendas subiram 7,5 por cento no período, a 9,18 bilhões de reais, impulsionados pelas operações da empresa na América do Norte, além das áreas de aços especiais e minério de ferro.

Porém, as despesas com vendas, gerais e administrativas se mantiveram relativamente controladas entre os períodos, representando 6,5 por cento da receita líquida do grupo nos três meses encerrados em junho.

(Por Alberto Alerigi Jr., edição de Marcela Ayres)

23-30/07/2014

HSBC deprecia Yamana Gold prematuramente

O banco HSBC depreciou as ações da Yamana que estavam em neutro. A Yamana respondeu dizendo que as suas ações deveriam estar sendo recomendadas ao contrário do que o banco propagou. Hoje, dia 30, a Yamana deverá publicar o seu balancete trimestral que poderá trazer surpresas fazendo a avaliação do HSBC se mostrar prematura e errada.

Espera-se que o AISC (all-in sustaining cost) da Yamana permaneça próximo aos US\$820 por onça do primeiro trimestre. Da mesma forma pode haver uma produção acima do esperado o que projetaria uma produção anual acima dos 1,4 milhões de onças projetados. Se o AISC for menor e a produção maior teremos excelentes motivos para esperar uma alta. As ações da Yamana estão sendo negociadas a \$9,10 com alta de 0,44%.

Fonte: www.geologo.com.br

24-30/07/2014

Recorde de produção da Rio Tinto no primeiro semestre de 2014

A Rio Tinto produziu um recorde de 139,5 milhões de toneladas de minério de ferro no primeiro semestre, 10% a mais que no mesmo período de 2013, após ter expandido várias grandes minas na região desértica australiana do Outback. O dado mostra que a mineradora anglo-australiana continua elevando suas apostas na matéria-prima, apesar da queda nos preços.

Fonte: The Wall Street Journal

25-30/07/2014

Gerdau ainda estuda investir em porto próprio

Por Fernanda Guimarães | Estadão Conteúdo

A Gerdau ainda está estudando a possibilidade de investir em um porto próprio, o que a ajudaria a escoar parte de sua produção de minério de ferro, afirmou o diretor-presidente André Gerdau Johannpeter, durante teleconferência com a imprensa.

O diretor de Relações com Investidores da Gerdau, André Pires, disse que a companhia segue enfrentando problemas para escoamento de minério de ferro, já que o Porto Sudeste ainda não está pronto. O porto de Itaguaí (RJ) é do fundo árabe Mubadala e a trading holandesa Trafigura (65%) e da MMX.

"O problema é uma questão geral de logística. Não está concluída toda a estrutura logística do Brasil", afirmou, lembrando que há outros portos no País que podem também realizar a exportação de minério de ferro.

Nesta quarta-feira, 30, a companhia informou que as vendas de minério de ferro a terceiros no segundo trimestre do ano somaram 715 mil toneladas, ante 77 mil toneladas no mesmo trimestre do ano passado, aumento de 828,6%. Em relação ao primeiro trimestre houve recuo de 39,8%, por conta da queda dos preços internacionais e de restrições de logística no período.

26-30/07/2014

Dois novos buracos gigantes são encontrados na Sibéria, e cientistas ainda estão perplexos

Lembra-se do buraco gigante que apareceu misteriosamente na Sibéria há duas semanas? Bem, mais dois buracos enormes foram encontrados na região, segundo o Siberian Times.

Eles são menores do que o primeiro – que tem 80 m de diâmetro e 60 m de profundidade – mas têm a mesma estrutura dele. Os cientistas ainda estão intrigados com a origem dessas formações.

Buraco de Antipayuta: Este buraco foi encontrado perto da aldeia de Antipayuta, no distrito de Taz. Ele tem um diâmetro de 15 m e também está na Península de Yamal, porém fica a algumas centenas de quilômetros do primeiro buraco.

Mikhail Lapsui, representante do parlamento regional, visitou a área de helicóptero: Seu diâmetro é de cerca de 15 m. Também há terra na parte exterior, como se ela tivesse sido lançada por uma explosão subterrânea. De acordo com os moradores locais, o buraco se formou em 27 de setembro de 2013. Observadores dão várias versões: a primeira diz que inicialmente havia fumaça no local e, em seguida, houve um estouro brilhante. Na segunda versão, um corpo celeste caiu lá.

Marina Leibman, cientista-chefe do Earth Cryosphere Institute, diz ao Siberian Times: Eu ouvi falar sobre o segundo funil de Yamal, no distrito de Taz, e viu as fotos. Sem dúvida, precisamos estudar todas essas formações. É necessário ser capaz de prever a sua ocorrência. Cada novo funil fornece informações adicionais para os cientistas.

Buraco de Nosok: Este funil foi encontrado por pastores perto da aldeia de Nosok, na região de Krasnoyarsk, a leste de Yamal. Ele tem 4 m de diâmetro e uma profundidade estimada entre 60 e 100 m. De acordo com os moradores, o buraco tem uma forma perfeita de cone, e um deles disse: “Isso não parece uma obra humana, mas também não se parece com uma formação natural”.

A principal teoria para explicar esses buracos envolve a fuga de gás: o gelo no solo derrete e bolsões de gás escapam de forma violenta, nem sempre causando explosões ou fogo. Infelizmente, especialistas ainda não chegaram a um consenso sobre sua formação. [Siberian Times]

Fonte: Gizmodo Brasil

27-30/07/2014

Gerdau eleva em 89% produção de minério no 2º trimestre

Por Fernanda Guimarães | Estadão Conteúdo

A produção de minério de ferro pela Gerdau atingiu 1,988 milhão de toneladas, aumento de 89% em relação ao visto no mesmo período do ano passado. Em relação ao primeiro trimestre do ano os volumes aumentaram 14,5%. No primeiro semestre a produção chegou a 3,724 milhões de toneladas, crescimento de 71,2%.

O forte aumento da produção na relação anual, explica a companhia no documento que acompanha o seu demonstrativo financeiro divulgado nesta quarta-feira, 30, ocorreu devido à entrada em operação da nova unidade de tratamento de minério, em setembro de 2013. Em relação aos três primeiros meses do ano, o aumento na produção ocorreu devido à reposição de estoques considerando o menor nível de produção naquele trimestre.

As vendas de minério de ferro no intervalo de abril a junho somaram 1,735 milhão de toneladas, crescimento de 94,1% na comparação anual. No entanto, em relação ao primeiro trimestre do ano houve um recuo de 13,3%. No primeiro semestre do ano o volume de vendas ficou em 3,735 milhões de toneladas, aumento de 106,8%.

As vendas de minério de ferro para as próprias unidades da Gerdau foram de 1,02 milhão de toneladas, aumento de 24,8% na relação anual e de 25,6% na trimestral.

As vendas de minério de ferro a terceiros, ainda no segundo trimestre do ano, somaram 715 mil toneladas, ante 77 mil toneladas no mesmo trimestre do ano passado, aumento de 828,6%. Em relação ao primeiro trimestre do ano a queda foi de 39,8%. Esse recuo ocorreu por conta da queda dos preços internacionais e de restrições de logística no período. "Essa redução foi parcialmente compensada pela maior destinação de minério de ferro para as usinas.

28-30/07/2014

Após fracasso, mineradora Rio Tinto abandona produção de carvão em Moçambique

Empresa vendeu minas compradas por US\$ 4 bilhões em 2011 por apenas US\$ 50 milhões

POR REUTERS

LONDRES - A mineradora Rio Tinto fechou acordo para vender ativos de carvão que comprou por meio da aquisição da Riversdale, por US\$ 4 bilhões em 2011, a uma *joint venture* indiana por apenas US\$ 50 milhões, colocando um fim à sua malfadada presença no setor de carvão de Moçambique.

A venda da divisão de carvão de Moçambique para a International Coal Ventures Private Limited (ICVL) inclui a mina de carvão de Benga e outros projetos na província de Tete, ativos que foram avaliados em US\$ 71 milhões no balanço financeiro da Rio em 31 de março.

Em 2013, a Rio Tinto demitiu seu presidente-executivo e outros gestores diretamente envolvidos na aquisição da Riversdale e fez uma baixa contábil de US\$ 3,5 bilhões do preço de compra, parcialmente atribuindo-a à impossibilidade de obter a autorização para transportar o carvão em barcaças pelo rio Zambezi.

A Rio Tinto vai manter apenas um dos ativos que obteve com a compra da Riversdale: uma pequena mina de carvão na África do Sul chamada Zululand Anthracite Colliery.

— Claramente a experiência para a Rio Tinto foi horrível — disse o analista Richard Knights, da Liberum, acrescentado que o preço de venda ficou abaixo do que ele esperava, indicando a possibilidade de uma nova baixa contábil. — Os ativos

claramente não eram tão bons quanto pensavam, mas para chegar a uma baixa contábil tão agressiva eles devem ter visto poucas perspectivas no futuro para uma exportação rentável de carvão por Moçambique — disse o analista. O comprador ICVL é uma *joint venture* montada pelo governo indiano para comprar ativos de carvão no exterior, em busca de suprimentos para siderúrgicas, usinas térmicas e outras indústrias estatais. A decisão da Rio Tinto de sair do setor de carvão de Moçambique é vista como um golpe para as ambições do país de se tornar um grande exportador de carvão.

A Vale, concorrente da Rio Tinto, também analisa a venda de participações em suas operações de carvão, que incluem a mina de Moatize, em Moçambique, e alguns ativos na Austrália.

29-30/07/2014

EXXARO ADQUIRE 100% DA TOTAL COAL SOUTH AFRICA

A mineradora sul-africana Exxaro Resources anunciou ontem, 28, o acordo de aquisição de 100% da Total Coal South Africa (TCSA), por US\$ 472 milhões. A TCSA é o quinto maior produtor de carvão da África do Sul. A Exxaro tem sete minas que produzem 40 Mt de carvão por ano. A transação inclui direitos de exportação da TCSA no porto Richards Bay. A Exxaro fornece carvão para a geradora de energia estatal Eskom, maior empresa de energia do país. As informações são do Bloomberg.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

30-30/07/2014

MOÇAMBIQUE RECEBERÁ PROJETOS DE MINERAÇÃO E INFRAESTRUTURA DE US\$ 32 BILHÕES

Os projetos de mineração, infraestrutura e gás natural de Moçambique poderão receber investimentos de até US\$ 32 bilhões nos próximos anos, segundo comunicado do Deutsche Bank. O país captou, nos últimos dois anos, US\$ 5 bilhões, o equivalente a um terço do seu PIB. Claire Schaffnit-Chatterjee, analista do banco alemão, afirma que a mineração de carvão, o investimento em infraestrutura de transportes e o desenvolvimento do setor de gás natural devem registrar crescimento acelerado nos próximos anos. A Vale investe no país US\$ 6,5 bilhões em uma linha férrea e no porto de Nacala.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

31-30/07/2014

GIGANTES DO MINÉRIO DE FERRO BATEM RECORDE DE PRODUÇÃO

Os últimos relatórios de produção de BHP Billiton, Rio Tinto e Vale mostram que as três maiores mineradoras de minério de ferro do mundo pretendem garantir o domínio do mercado aumentando a produção da commodity. As três empresas procuram controlar cada vez mais a demanda global, pelo fato de suportarem preços mais baixos do minério de ferro porque possuem minas com menores custos de produção.

A BHP Billiton registrou um recorde de 225 milhões de toneladas de minério de ferro produzidas no último ano fiscal, encerrado em junho, batendo sua própria previsão em 4%. Em seu último relatório de produção trimestral, a mineradora australiana afirmou que espera aumentar a produção ainda mais, chegando a 245 milhões de toneladas no ano financeiro que termina em junho de 2015.

A Rio Tinto produziu 75,7 milhões de toneladas de minério de ferro no segundo trimestre de 2014, um aumento de 23% na comparação com o mesmo período do ano passado. A previsão para a produção total em 2014 também é maior, podendo atingir 295 milhões de toneladas. O valor representa um aumento de 11% em relação às 266 milhões de toneladas produzidas em 2013.

A Vale também teve produção recorde de abril a junho deste ano, chegando a 79,45 milhões de toneladas de minério de ferro produzidas durante o período, uma alta de 12,6%. A mineradora pretende aumentar sua produção de 306 milhões de toneladas, em 2013, para 450 milhões de toneladas até 2018.

Para permanecerem em uma posição privilegiada no mercado, BHP, Vale e Rio Tinto dependem indiretamente da evolução da China, que compra cerca de dois terços do minério de ferro transoceânico global. As três grandes mineradoras esperam que o menor preço do minério de ferro elimine a produção doméstica chinesa.

De acordo com o National Bureau of Statistics, a produção de minério de ferro na China foi de 139,3 milhões de toneladas em junho, um aumento de 7,3% em relação ao mês de maio. No primeiro semestre, o país asiático produziu 710,6 milhões de toneladas, uma alta de 9,9% em relação ao mesmo período do ano passado.

O que não consta nos números oficiais é o teor do minério de ferro chinês, que está próximo dos 20% de ferro, valor bem abaixo do padrão global de cerca de 62% Fe.

A atual situação do mercado sugere que os preços do minério de ferro encontrarão dificuldades para voltar aos patamares de mais de US\$ 100 por tonelada. Os preços acima desse valor iriam trazer a produção doméstica chinesa de volta ao mercado, e incentivar pequenas mineradoras em outros países. As informações são da Reuters.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

32-30/07/2014

Vetria firma acordo por ativos da MMX no MS

Por **Natalia Viri | De São Paulo**

A Vetria Mineração, controlada pela América Latina Logística (ALL), fechou contrato para arrendamento de direitos minerários da MMX em Corumbá, no Mato Grosso do Sul (MS), por US\$ 500 mil ao ano.

As negociações avançavam desde o fim do ano passado. Para a empresa controlada pela ALL, os ativos geram sinergia com as futuras atividades da Vetria na região. Já para a MMX, a venda interessava porque, dentre outros motivos, o projeto possui custos operacionais elevados. "É uma produção pequena e que demanda um grande esforço principalmente em manter uma estrutura a uma longa distância", informou o diretor-presidente da MMX, Carlos Gonzalez, em uma das teleconferências da empresa.

O acordo prevê ainda a possibilidade de "aquisição futura" da totalidade das ações de emissão da MMX Corumbá pela Vetria, que também tem como acionistas a Triunfo Participações e Investimentos (TPI) e a Vetorial Mineração. Em comunicado, a Triunfo disse que a eventual compra das ações depende de diversas condições suspensivas, dentre elas a "liberação do arrolamento fiscal que recai sobre os papéis".

O arrendamento dos direitos minerários inclui uma unidade de beneficiamento de minério de ferro com capacidade de produção de 2 milhões de toneladas por ano, requerimentos, concessão de lavra e alvarás de pesquisa que abrangem uma área de mais de 100 milhões de metros quadrados, além do estoque de minério de lavrado.

A arrendamento anual será pago em parcelas mensais a partir do quarto mês da data de celebração do contrato e será vigente por três anos. O valor poderá ser abatido caso a compra da totalidade das ações da MMX Corumbá pela Vetria seja concluída.

O sistema MMX Corumbá iniciou suas operações em 2006, mas estava com operações paralisadas desde o ano passado, diante das dificuldades do grupo EBX.

A empresa de mineração criada pelo empresário Eike Batista busca ainda parceiros para operar as minas do Sistema Sudeste. No começo do ano, concluiu a venda do controle do Porto Sudeste, seu principal ativo, para um consórcio entre a holandesa Trafigura, e o fundo Mubadala, de Abu Dhabi.

Ainda em fase de estruturação, a Vetria necessita de um novo sócio que capitalize as operações - de acordo com os planos - em 30% do investimento total estimado para o projeto, que chega a R\$ 11,5 bilhões. **(Colaborou Fábio Pupo)**

33-30/07/2014

Destaques

Extração de diamantes

O Superior Tribunal de Justiça (STJ) concedeu liminar para manter os efeitos da decisão que proibiu a prática de mineração no entorno e na área da Reserva Indígena Roosevelt, em Rondônia, terra do povo Cinta Larga. O Ministério Público Federal (MPF) conseguiu que a Justiça suspendesse a extração de diamantes na área, considerada uma das cinco maiores minas de diamantes do mundo. A liminar foi concedida pelo ministro Napoleão Nunes Maia Filho e terá de ser confirmada em julgamento colegiado na 1ª Turma do STJ, ainda sem data para ocorrer. O relator entendeu que as atividades de mineração devem mesmo ser paralisadas provisoriamente até que o STJ aprecie o recurso especial do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), réu na ação, ou, se for o caso, lhe confira efeito suspensivo, como quer a autarquia. O ministro destacou que o DNPM, ligado ao Ministério de Minas e Energia, perdeu nas duas instâncias anteriores, o que demonstra não haver "aparência do bom direito" capaz de justificar o efeito suspensivo pedido para o recurso especial. A ação civil pública foi ajuizada pelo MPF em 2005.

Fonte: Valor

34-30/07/2014

Minério mais barato afeta a Vale

Apesar do recorde na produção de minério de ferro, o mercado espera resultados operacionais mais fracos para a Vale no segundo trimestre de 2014, cujo balanço será divulgado amanhã antes da abertura da bolsa. A expectativa se relaciona com a queda nos preços do minério de ferro. Na média de dez bancos e corretoras ouvidos pelo **Valor**, a receita líquida da mineradora ficou em US\$ 9,7 bilhões entre abril e junho. O número representa queda de 12% sobre a receita de US\$ 11 bilhões do mesmo período de 2013. O lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda) projetado ficou, na média, em US\$ 3,8 bilhões, 23% abaixo dos US\$ 4,95 bilhões do segundo trimestre de 2013.

Fonte: Valor

35-31/07/2014

Analistas esperam queda de 30% nos ganhos da Vale

Os analistas de mercado não fizeram as pazes com a Vale. Eles estão prevendo queda de 4% no faturamento da mineradora. A Vale vem enfrentando quedas nos seus ganhos, que afugentam os investidores e fazem as ações cair levando consigo o seu valor de mercado, que é US\$74,1 bilhões, bem menor do que há pouco tempo atrás...

No último trimestre as vendas caíram 14% em relação a 2013. O balancete da Vale será entregue amanhã e os analistas estimam uma queda de 30% nos ganhos totais da empresa. O mercado parece acreditar nas más notícias, e as ações da Vale continuam afundando. Elas já caíram hoje 2,57%.

Fonte: www.geologo.com.br

36-31/07/2014

Cientistas reproduzem as confusas condições de criação da Terra



Londres, 30 jul (EFE).- Cientistas americanos criaram um modelo que permite analisar as confusas condições dos primeiros momentos de criação da Terra, em plena erupção vulcânica e quando era atingida por asteroides, informou nesta quarta-feira a revista "Nature".

A equipe dirigida por Simone Marchi, do Instituto de Pesquisa do Sudoeste, averiguou mediante uma reconstrução que a superfície terrestre foi modificada pelos impactos e efeitos desse primeiro período, o que explicaria o fato de não terem sido encontradas rochas dessa época.

A Terra se formou no chamado período Hadeano, uma era geológica de 4,5 bilhões a 3,8 bilhões de anos atrás, quando começou o Arqueano. A maior parte das rochas antigas conhecidas é de 3.800 milhões de anos atrás.

Os pesquisadores concordam que há 4.500 milhões de anos, a Terra e a Lua receberam o impacto constante de asteroides, como demonstram as crateras lunares, mas o tempo e a magnitude destes impactos, assim como o efeito na evolução terrestre, são menos conhecidos.

Através de seu modelo, baseado no exemplo da Lua, a equipe americana concluiu que "os grandes impactos fizeram com que a crosta terrestre se transformasse em um achado que poderia contribuir para explicar a ausência de rochas terrestres antigas e a distribuição do zircão", o mineral mais antigo conhecido da Terra, "sobrevivente" do período Hadeano.

Os cientistas sustentam que a vida que emergiu desse período "era provavelmente resistente às extremas condições que existiam naquele momento". Durante o período Hadeano, acredita-se que o Sistema Solar estava se formando dentro de uma grande nuvem de gás e pó e que a Terra se constituiu quando parte desta matéria se transformou em um corpo sólido. Este é o período durante o qual se formou a crosta terrestre, que,

como constataram os estudiosos, sofreu muitas mudanças devido às várias erupções vulcânicas e outros fenômenos.

37-31/07/2014

Novo mapa de Marte traz geologia do planeta em detalhes

O mapa global de Marte mostra a distribuição das unidades geológicas e as formas de relevo sobre a superfície do planeta ao longo do tempo. A imagem combina 16 anos de observações feitas por quatro naves espaciais em órbita: Mars Global Surveyor, Mars Odyssey, Mars Express e Mars Reconnaissance Orbiter.

Além de revelar detalhes que podem ajudar a compreender a história geológica de Marte, o mapa vai ajudar os cientistas a identificar pontos interessantes de pouso para futuras missões. Segundo a New Scientist, uma das missões que pode se beneficiar é a ExoMars, da Agência Espacial Europeia (ESA, na sigla em inglês), cujo lançamento será em 2018. Há também a missão InSight, da Nasa, com lançamento previsto para 2016. O mapa está disponível para download no site da U.S. Geological Survey.

Fonte: Exame

38-31/07/2014

SAFM: Estudo de viabilidade financeira com prazo estendido

Em 18 de Junho de 2014, SAFM firmou um Memorando de Entendimento (“MoU”) com os proprietários da propriedade adjacente ao seu projeto de minério de ferro, Ponto Verde.

Como parte deste acordo, a empresa recebeu os dados da pesquisa de sondagem da propriedade e está atualmente trabalhando em um modelo de blocos novos, estudando a expansão da mina de Ponto Verde. Baseado no trabalho geológico realizado até à data e cálculos preliminares de reserva, o Conselho decidiu estender o âmbito do estudo de viabilidade (“BFS”) para incorporar essas mudanças.

39-31/07/2014

Segundo trimestre foi "bastante desafiador", avalia Vale

Por **Alessandra Saraiva | Valor**

RIO - O segundo trimestre deste ano foi “bastante desafiador” para a Vale, na análise do diretor-executivo de finanças e relações com investidores da mineradora, Luciano Siani. Ao comentar o desempenho da empresa, em vídeo divulgado no site da

companhia, o executivo detalhou que o preço médio do minério de ferro, principal produto da Vale, caiu 15% no segundo trimestre deste ano em comparação com o primeiro, para US\$ 102 por tonelada. “E ainda assim, nesse cenário de queda de preços, nós pagamos um dividendo preliminar, primeira parcela de dividendos, de US\$ 2,1 bilhões para nossos acionistas”, afirmou.

O diretor observou, também, que a Vale conseguiu manter “praticamente estável” o resultado operacional no segundo trimestre. Isso porque o crescimento da produção no período — a Vale teve o melhor segundo trimestre em minério de ferro de sua história, com 79,4 milhões de toneladas do produto —, sustentou a receita no segundo trimestre.

O executivo explicou ainda que, no caso do resultado antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda, em inglês) em dólar, houve uma “estabilidade”, visto que o montante passou de US\$ 4,05 bilhões para US\$ 4,1 bilhões do primeiro trimestre deste ano para o segundo trimestre. No entanto, admitiu que, em reais, o Ebitda caiu, de R\$ 9,6 bilhões para R\$ 9,1 bilhões no mesmo período, devido à apreciação da moeda.

O executivo explicou, ainda, o recuo de 46,1% no lucro líquido do segundo trimestre (R\$ 3,1 bilhões) em relação ao primeiro trimestre deste ano (R\$ 5,9 bilhões). De acordo com ele, isso se deveu a “provisões contábeis dos ativos de Simandou [na Guiné] e para os ativos de carvão na Austrália”.

Siani salientou ainda que a empresa continua em uma trajetória sustentável de seus custos e despesas. Além disso, reiterou que a empresa segue tocando seus principais projetos. O diretor também anunciou que a primeira produção de cobre na expansão do projeto de Salobo, no Pará, foi iniciada em junho.

“Estamos bastante satisfeitos com o desempenho apresentado”, disse. “Queremos continuar cada vez mais competitivos, ainda que em ambiente desafiador.”

40-31/07/2014

VALE

Produção de minério atinge 150 milhões t no semestre

A produção de minério de ferro da Vale somou 150,5 milhões t no primeiro semestre de 2014, com 15,1 milhões t acima da na comparação com o mesmo semestre de 2013. O resultado, segundo a mineradora, aumenta a expectativa de atingir a meta de produção no ano, de 312 milhões t, e de 321 milhões t em vendas. Em especial, a produção de Carajás atingiu 29,3 milhões t, um novo recorde para o 2º trimestre, ficando 25,3% e 33,7% acima do 1T14 e do 2T13, respectivamente. A produção de pelotas cresceu devido ao aumento na produção atribuída à Samarco, que atingiu 3 milhões t, ficando 34,7% e 13,9% acima do 1T14 e do 2T13, respectivamente. A recém-inaugurada planta de pelotização Samarco IV produziu 1,1 milhão t no trimestre. No 2º trimestre, a produção de níquel atingiu 61.700 t, 8,6% abaixo do trimestre anterior, refletindo principalmente o impacto da manutenção realizada na planta de ácido e nos fornos em Sudbury. Durante o período de manutenção programada deste ano em algumas

instalações de beneficiamento, as minas de Sudbury não pararam de produzir, acumulando estoque de minério e concentrado a ser fundido e refinado, no segundo trimestre do ano. Como consequência, é esperada uma produção mais forte de níquel refinado no segundo semestre. A VNC, na Nova Caledônia, está retomando seu ramp-up após o vazamento da solução ácida em maio, o que resultou em um derramamento no meio ambiente e desligamento do complexo. Após investigações internas, do governo e ações corretivas, a Vale retomou operações em meados de junho e está operando com dois HPALs desde a semana de 21 de julho. Em Salobo I continuou o ramp-up, produzindo 19.700 t de cobre em concentrados no 2T14, alcançando cerca de 80% de sua capacidade nominal. A produção total de carvão no 2T14 alcançou 2,2 milhões t, 23,8% acima do 1T14, principalmente devido à melhor performance de Carborough Downs e Moatize. Aliás, a mina africana produziu 1,170 milhão t no 2T14, dos quais 714 mil t de carvão metalúrgico e 457 mil t de carvão térmico. A produção de carvão metalúrgico e térmico aumentou 19,9% e 10,4%, respectivamente, quando comparada com a do 1T14. A produção de rocha fosfática alcançou 2,1 milhões no 2T14, um recorde que aumentou 9,9% na comparação com o 1T14.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 663 –

41-31/07/2014

USIMINAS

Reversão de prejuízo no segundo trimestre

A Usiminas registrou lucro líquido de R\$ 129 milhões no segundo trimestre, revertendo prejuízo de R\$ 22 milhões contabilizado no mesmo trimestre de 2013. O Ebitda da siderúrgica atingiu R\$ 549 milhões, aumento de 24% em relação ao segundo trimestre do ano passado. A Usiminas comercializou, no período, 1,5 milhão t de aço, retração de 7% na comparação com o mesmo trimestre de 2013. No mercado interno, a siderúrgica vendeu 1,2 milhão t, redução de 13% em relação ao trimestre de 2013. A performance é consequência do desaquecimento da atividade industrial brasileira no período, com impacto nos setores consumidores de aços planos. Já as exportações foram de 220 mil t, crescimento de 53% frente ao segundo trimestre de 2013. “Mesmo em um cenário de baixo crescimento econômico e demanda por aço influenciando o volume vendido, obtivemos resultados melhores do que no mesmo período de 2013. Isso é fruto de um trabalho rigoroso de controle de custos e de despesas gerais e administrativas, que tem sido desenvolvido continuamente por toda a equipe Usiminas”, analisa Julián Eguren, Presidente da empresa. No segundo trimestre, a produção de aço bruto nas usinas de Ipatinga e de Cubatão foi de 1,6 milhão de t, redução de 9% quando comparada ao mesmo período do ano passado. Os investimentos no período totalizaram R\$ 261 milhões, focados na atualização tecnológica das plantas e na modernização da Coqueria II, na Usina de Ipatinga. Do total dos investimentos no trimestre, foram aplicados 86% na siderurgia, 11% na mineração, 2% na transformação do aço e 1% em bens de capital.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 663 –

42-31/07/2014

CIMENTO

InterCement faz corte em investimentos

A InterCement, empresa do Grupo Camargo Corrêa, cortou os investimentos pela metade. Das quatro novas fábricas que pretendia colocar em operação, a empresa fará apenas uma inauguração e uma ampliação, no total de R\$ 1,2 bilhão. O motivo principal foi reduzir o endividamento que atualmente é de cerca de 2,5 bilhões de euros. O foco para 2014 e 2015 é investir com comedimento, dentro da capacidade de geração de caixa, conforme declarou José Edison Barros Franco, Presidente do Conselho da InterCement. Hoje, em euros, a dívida é 3,3 vezes o Ebitda. Em 2015, os investimentos devem ficar próximos dos R\$ 600 milhões, valor deste ano.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 663 –

43-31/07/2014

MINÉRIO DE FERRO

BHP extrai volume recorde em doze meses

A BHP Billiton extrai 225 milhões t de minério de ferro nos últimos doze meses encerrados em julho, 4% a mais que no período anterior de igual abrangência e um novo volume recorde. A expectativa é que a produção cresça ainda mais no próximo ano. A BHP informou que manterá suas atenções voltadas para a melhoria de produtividade e venda de ativos considerados não essenciais, quase dois anos após começar a cortar custos e depois de uma década de muitos investimentos. Com o aumento em Pilbara, na Austrália, a projeção para o próximo exercício é de 245 milhões t de minério de ferro

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 663 –

44-31/07/2014

SIDERURGIA

ArcelorMittal Vega completa 11 anos com investimentos

No dia 25 de julho, a ArcelorMittal Vega completou 11 anos de operação em São Francisco do Sul (SC). Para iniciar uma nova década, a Companhia anunciou investimentos na expansão da produção e do portfólio. Ao todo, o aporte financeiro será de US\$ 32 milhões, com US\$ 17 milhões destinados para obras de melhorias e aquisição de novos equipamentos. Com o aporte, a capacidade anual dos atuais 1,44 milhão de t passará para 1,60 milhão de t. O outro montante será investido para iniciar a produção local do Usibor®, aço de alta resistência com aplicação na indústria automotiva. Os novos investimentos são um marco na história da ArcelorMittal Vega. Quando finalizada, a empresa aumentará a capacidade em 160 mil t/ano e, com isso, praticamente dobrará a produção em relação ao início das operações em 2003, além de viabilizar a estrutura necessária para futuras ampliações, conforme protocolo de intenções assinado com o Governo de Santa Catarina. Já o Usibor®, importado desde 2012 das plantas da ArcelorMittal na Europa, faz parte do conjunto de soluções inovadoras denominado S-in Motion, que permite às montadoras reduzir em até 20% o

peso do veículo e atende às tendências do novo regime automotivo brasileiro, o Inovar Auto.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 663 –

45-31/07/2014

TITÂNIO

Comissão do Mercosul reduz alíquota de importação para 2%

A Comissão de Comércio do Mercosul aprovou redução da alíquota de importação do dióxido de titânio (TiO₂) de 12% para 2%. O pedido foi apresentado pelo Governo brasileiro, a partir de um pleito da Associação Brasileira dos Fabricantes de Tintas (Abrafati). A desoneração valerá por 12 meses, envolvendo uma cota de 120 mil t do produto. A medida entrará em vigor assim que aprovada pela Câmara de Comércio Exterior (Camex). O Presidente-Executivo da Abrafati, Dilson Ferreira, afirmou que a decisão é muito positiva para o setor, que tem reflexos na competitividade e contribui com os programas de desenvolvimento social e econômico do Governo, como o “Minha Casa, Minha Vida”.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 663 –

46-31/07/2014

POLÍTICA MINERAL

Goiás discute experiência dos estados

O seminário “Melhores Práticas em Políticas e Tecnologias de Mineração – A Experiência dos Estados” será realizado no próximo dia 07 de agosto, a partir das 14 horas no auditório Professor Hélio Naves, da Casa da Indústria, situado na Avenida Araguaia 1.544, 10º andar, Setor Leste Vila Nova, Goiânia (GO). O evento é promovido pela Secretaria de Estado de Indústria e Comércio de Goiás, Federação das Indústrias de Goiás – FIEG, Câmara Setorial de Mineração – CASMIN e Fundo de Fomento à Mineração - FunMineral. A programação preliminar do evento prevê a participação de representantes de Amazonas, Goiás, Minas Gerais, Pará, Paraná e Rio de Janeiro, entre outros e tem o apoio da Associação Brasileira de Entidades Estaduais de Geologia e Mineração - ABEMIN. Mais detalhes e informações sobre o evento podem ser obtidos na FIEG, através do telefone (62) 3219-1420 ou com Tasso Mendonça Junior, Chefe do Gabinete de Gestão da Mineração/FUNMINERAL/SIC, pelo e-mail tassomendonca@sic.goias.gov.br.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 663 –

47-31/07/2014

ÁREAS DE RISCO

CPRM entrega 40 cartas de suscetibilidade em SP

A Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM / Serviço Geológico do Brasil) entregou 40 Cartas de Suscetibilidade a Movimentos Gravitacionais de Massa e Inundações, elaboradas pela CPRM em municípios do Estado de São Paulo. Na ocasião, foi firmado Acordo de Cooperação Técnica entre a Casa Militar e o Centro Nacional de Monitoramento e Alertas a Desastres Naturais (CEMADEM). As cartas de suscetibilidade tiveram foco no desenvolvimento de metodologias e definições de parâmetros para definir os graus de áreas suscetíveis, tanto de movimentos gravitacionais como de inundações e enxurradas, dando ênfase aos trabalhos realizados no Estado de São Paulo, em parceria com o Instituto de Pesquisas Tecnológicas - IPT. As cartas foram elaboradas em atenção a diretrizes específicas da Lei Federal 12.608/12, que estabelece a Política Nacional de Proteção e Defesa Civil (PNPDEC). Dirigida especialmente aos municípios sujeitos a desastres naturais, devido a deslizamentos, corridas de massa, inundações e enxurradas, a PNPDEC contempla, entre seus princípios fundamentais, as ações de mapeamento e prevenção, bem como sua integração às demais políticas setoriais, como as de ordenamento territorial, desenvolvimento urbano e meio ambiente, entre outras, tendo em vista a promoção do desenvolvimento sustentável no País.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 663 –

48-31/07/2014

NÍQUEL

Analista prevê bons preços para o metal

De acordo com especialista do Scotiabank, o preço do níquel pode atingir valor médio de US\$ 10,75 por libra em 2015. O aumento dos preços nos últimos meses é aguardado para continuar no próximo ano. "Está tudo relacionado com a proibição na Indonésia sobre a exportação de todos os minérios contendo níquel", disse Patricia Mohr, VP do banco. Em 12 de janeiro, a Indonésia, maior produtora de níquel do mundo, proibiu todas as exportações de minérios contendo níquel. Dois partidos políticos dominantes do país apoiaram a proibição de dar aos produtores locais de níquel tempo para construir instalações de processamento - com a ajuda de investimentos chineses. "O minério foi essencialmente escavado na terra e embarcado a granel", disse Mohr. "O que eles estavam recebendo, em termos de valor agregado era muito pequeno.". Com 11 plantas de processamento programadas para construção, a Indonésia será capaz de vender o níquel processado para a China a uma taxa de retorno maior do que o seu minério sem beneficiamento. Entretanto - e isso pode levar anos antes que as plantas de processamento estejam em funcionamento - a proibição tem levado os compradores chineses a procurar outro lugar para o níquel, o que tem impulsionado os preços. No início de 2014, os preços do níquel foram pouco mais de US\$ 6 por kg, mas eles superaram US\$ 9 por libra em maio. Em 22 de julho, o preço do níquel atingiu US\$ 8,61 por libra. Sem a proibição da Indonésia, Mohr disse que os preços do níquel teriam estagnado. "Embora a demanda de aço inoxidável esteja crescendo, provavelmente vai desacelerar na China", disse ela. No resto do mundo, Mohr disse que a demanda por aço

inoxidável tem sido "muito fraca". Sudbury é também um grande produtor de cobre e elementos do grupo da platina, e de acordo com Mohr, ambos permanecem lucrativos.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 663 –

49-31/07/2014

PEDREIRAS

Encontrado osso de dinossauro na Mygatt-Moore

A Pedreira Mygatt-Moore entrou no livro dos recordes Guinness depois que um grupo de cientistas descobriram um fêmur de um Apatosaurus. É uma descoberta inovadora, já que o osso pertencia provavelmente a um animal de cerca de 80 a 90 metros de comprimento. O osso da perna do dinossauro demorou cinco anos para ser escavado. Quando foi descoberto pela primeira vez, houve apenas um pequeno pedaço de osso exposto. Cientistas acreditam que o Apatosaurus era um herbívoro que normalmente crescia até 69 metros de comprimento. Este Saurópode (dinossauro de pescoço comprido) foi descoberto e nomeado Apatosaurus, ou "lagarto falso", devido ao seu tamanho incrivelmente grande. Após a denominação Apatosaurus, outros espécimes Saurópodes foram nomeados Brontossauros. Posteriormente, foi determinado que os dois nomes na verdade se referem ao mesmo animal, Apatosaurus".

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 663 –

50-31/07/2014

EMPREENDEDORISMO

Anglo American promove 2º Programa em MG

Estão abertas as inscrições para o 2º ciclo do Programa de Empreendedorismo da Anglo American voltado aos municípios mineiros de Conceição do Mato Dentro, Alvorada de Minas, Dom Joaquim e Serro. A iniciativa faz parte do Crescer – Programa de Empreendedorismo e tem por objetivo fomentar o empreendedorismo e impulsionar o desenvolvimento local sustentável na região de influência direta e indireta do Projeto Minas-Rio, empreendimento da companhia em fase final de implantação nos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro. O período de inscrição vai até 25 de agosto. Serão oferecidos cursos para pequenos e médios empresários urbanos ou rurais dessas localidades com foco em oportunidades de negócio, organização do negócio, viabilidade econômica e marketing. As etapas seguintes do 2º ciclo do programa, que terá duração total de 18 meses, compreendem a apresentação das propostas dos inscritos, a seleção de empreendedores locais e a primeira rodada de suporte com os participantes. O 1º ciclo teve início em janeiro de 2014, está em andamento e conta com a participação de cerca de 200 pessoas. Globalmente, mais de 1.300 micro, pequenas e médias empresas já foram beneficiadas desde 2011 na África do Sul, Botswana, Chile e Peru com a iniciativa.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 663 –

51-31/07/2014

CHINA É DESTINO DE 51,4% DAS VENDAS DE MINÉRIO DE FERRO DA VALE

No 2º trimestre do ano passado esse percentual era de 43,8% e no primeiro trimestre do ano de 47%

A China aumentou a sua representatividade nas vendas totais de minério de ferro da Vale no segundo trimestre deste ano e voltou a comprar metade do volume. A mineradora brasileira informou hoje que de 76,889 milhões de toneladas de minério de ferro vendidas no intervalo de abril a junho, a China ficou com 39,506 milhões de toneladas, ou 51,4% do total. No mesmo trimestre do ano passado esse percentual era de 43,8% e no primeiro trimestre do ano de 47%.

Em termos de volume, as compras da China do minério da Vale cresceu 25% no segundo trimestre do ano na relação anual. Ante o primeiro trimestre do ano houve um aumento de 23,4%. Cabe lembrar que parte desse efeito é explicado pelo aumento da produção de minério de ferro da companhia no trimestre.

"A produção de aço da China cresceu 5,7% ano contra ano, impulsionando a demanda por minério de ferro e o mercado transoceânico", afirmou a mineradora no documento que acompanha o seu demonstrativo financeiro.

Já as vendas para a Ásia somaram 51,455 milhões de toneladas, o correspondente a 66,9% das vendas totais da Vale no período. Na relação anual houve um aumento de 11,9%. Em relação ao primeiro trimestre do ano o volume cresceu 18,5%.

Ainda entre as participações, as vendas de minério destinadas ao Brasil respondeu por 12% do total, Japão 8,8% e Alemanha 6%.

As vendas totais da Vale de minério de ferro no intervalo de abril a junho apresentaram alta de 6,6% na relação anual e de 13,3% ante os três primeiros meses do ano.

Recuperação dos EUA pode ajudar Minas

O crescimento de 4% do Produto Interno Bruto (PIB) dos Estados Unidos, divulgado ontem pelo Departamento de Comércio do país, pode ser uma luz no fim do túnel para a economia brasileira. Em caso de consolidação da melhora econômica norte-americana, os impactos no Brasil seriam de alta nas exportações, aumento da competitividade e da produção industrial, conforme avaliam especialistas.

Segundo a economista Elisa Maria Pinto Rocha, especialista em comércio exterior, o crescimento da economia norte-americana fará com que internamente o país passe por aumento da demanda por uma série de produtos produzidos no Brasil. Na sua avaliação,

a gama de componentes presentes nas trocas comerciais entre os dois países é bastante extensa.

Um ponto favorável é o fato de os Estados Unidos comprarem de empresas mineiras produtos com maior nível de sofisticação tecnológica e não apenas primários, como é o caso da China, por exemplo, o que colabora para que haja um estímulo à indústria de Minas Gerais. "Além dos tradicionais produtos siderúrgicos e café, Minas Gerais exporta uma gama de produtos de base tecnológica para os Estados Unidos. Isso é muito positivo porque ajuda a estimular a produção no Estado, com geração de empregos e alimentação de toda uma cadeia produtiva", afirma.

Dentre os produtos comercializados por Minas Gerais para os Estados Unidos estão automóveis, produtos farmacêuticos, cosméticos, perfumaria, bens de capitais, como aparelhos mecânicos, metais preciosos e joias.

Caso a economia norte-americana de fato passe por recuperação, a participação dos Estados Unidos nas exportações mineiras pode voltar aos patamares anteriores à crise mundial de 2008. Antes, a taxa estava em torno de 12% e agora fica próxima de 7,5%.

Segundo o professor de economia da Universidade Presbiteriana Mackenzie Pedro Raffy Vartanian, um aspecto negativo que pode ser estimulado com maior crescimento norte-americano é a alta dos juros nos Estados Unidos. Isso porque, com a economia recuperada, a tendência é que haja elevação do consumo. Para evitar a inflação, a tendência é que os juros subam. E o impacto imediato seria a migração dos investimentos estrangeiros, hoje nos países emergentes, para o mercado norte-americano. Ou seja, o capital especulativo deixaria de alavancar a economia brasileira.

Dois lados - O economista da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg) Paulo Casaca lembra que existem dois lados da moeda nesse caso. Se de um lado ocorre desestímulo da economia com a fuga do capital estrangeiro. De outro, a desvalorização do real, com aumento da competitividade de setores exportadores. Dessa forma, pode haver reflexo positivo no nível da produção industrial.

Porém, para que a indústria nacional consiga tirar vantagem de uma possível recuperação da economia norte-americana, é preciso que alguns gargalos sejam eliminados internamente. "O outro lado da equação é que não podemos estar em crise internamente. Nossa preocupação primeiramente precisa ser com o dia a dia, como recuo da produção física, do consumo, a estabilização da taxa do desemprego que não cai na mesma proporção que antes e a estagnação do PIB brasileiro", avalia.

Fonte: Diário do Comércio

52-01/08/2014

Mineradoras apelam até para técnica de peneirar arroz em busca de eficiência Por **Rhiannon Hoyle e Alex MacDonald** | **The Wall Street Journal**, de **Sydney e Perth, na Austrália, e Londres**

As mineradoras internacionais já vasculharam desertos, montanhas e florestas em busca de meios para incrementar os lucros.

Mais recentemente, essa busca as tem levado a um ambiente diferente: o chão de fábrica. Linhas de montagem de automóveis e máquinas para separar arroz podem ajudar empresas como a Vale SA, Rio Tinto PLC e BHP Billiton Ltd. a obter lucros maiores. Se antes as mineradoras passaram décadas torrando bilhões em aquisições e novos projetos, elas agora estão preservando o caixa enquanto esperam os preços das matérias-primas se recuperar. As montanhas ao redor de Kennecott, no Estado americano de Utah, abrigam uma das maiores minas de cobre do mundo. Recentemente, também passaram a abrigar uma máquina do tamanho de quatro ônibus de dois andares, com a qual a Rio Tinto quer reduzir a quantidade de rochas que moe à procura de cobre. O equipamento foi fornecido pela processadora de alimentos Tomra Systems ASA e usa tecnologia desenvolvida para peneirar grãos de arroz a moluscos. "O que o pessoal dos alimentos fez há 30 anos, eu [nos] vejo [usando] com sucesso na mineração", diz John McGagh, diretor de inovação da Rio Tinto. "Os separadores de arroz podem selecionar, com base na cor, até um milhão de objetos por segundo."

Quando os preços das commodities começaram a cair, no fim de 2011, as mineradoras globais responderam fechando minas, vendendo ativos e demitindo funcionários. Com os cortes de custos mais óbvios já feitos, elas agora buscam tecnologias e ideias em outros campos: as indústrias militar, aeroespacial, petrolífera e automobilística. Essa mudança levou Lucas Dow - presidente da aliança de carvão BMA, na Austrália, que é administrada pela BHP Billiton e a Mitsubishi Corp. - à fábrica da Toyota Motor Corp. nos arredores de Nagoya, no Japão. O minério de ferro é vital para a fabricação do aço, matéria-prima essencial para os carros. Mas Dow foi até lá em busca de formas de tornar as minas mais eficientes. "Estamos certamente procurando fora de nossa própria indústria e, sem o menor constrangimento, roubando e implementando ideias onde é possível", diz.

Ele afirma estar pegando muitas ideias da Toyota, a empresa que tornou a produção eficiente com técnicas como o estoque "just in time". Ele quer implementar, nas minas da BMA, processos simples e repetíveis como os das montadoras de veículos, que não criam gargalos. Na Goonyella Riverside, maior mina da BMA, que produz carvão para fabricação de aço, um funcionário sugeriu a instalação de pits semelhantes aos da Fórmula 1 ao redor de uma área de mineração de mais de 19 quilômetros de comprimento, para melhorar o reabastecimento de caminhões que levam cerca de 300 toneladas de matéria-prima por viagem. A BMA também conduziu discussões com a fornecedora japonesa Komatsu Ltd., uma grande fabricante de equipamentos, sobre como usar a análise de dados para manter as máquinas funcionando por mais tempo. A BHP Billiton e a Rio Tinto estão empregando o chamado "big data" para ajustar os

cronogramas de manutenção para otimizar a frequência de substituição dos motores de seus caminhões de US\$ 5 milhões, em vez de só seguir a frequência recomendada pelo fabricante.

A BMA vem examinando tecnologias que permitem aos gerentes das minas monitorar remotamente os motores dos caminhões para identificar problemas - ideia copiada das fabricantes de motores de avião Rolls-Royce Holdings PLC e Boeing Co. Na Fortescue Metals Group Ltd. - que pretende elevar a produção nas suas minas de Pilbara, no noroeste da Austrália, em até 13% ao aumentar a produtividade - gestores dizem que adotaram um estilo modular, usado tradicionalmente na indústria do petróleo, para construir a unidade de processamento mais recente da empresa, o que economizou tempo e dinheiro.

Os fornecedores também estão tendo que ser mais criativos. Joe Mastrangelo, diretor-presidente da unidade de conversão de energia da General Electric Co., diz que as mineradoras costumavam encomendar novos equipamentos sem muitas discussões. "Mas nos últimos 12 meses temos visto muito mais debates com clientes, que perguntam: 'O que você pode fazer para me tornar mais eficiente?'" , diz Mastrangelo. "Nosso trabalho é procurar por essas soluções em outras indústrias, enquanto a mineração se recupera da queda atual nas despesas de capital." Desde 2012, a Vale usa um conceito de construção modular já utilizado pela indústria de petróleo na construção de plataformas marítimas.

O sistema modular está sendo aplicado no Projeto Ferro Carajás S11D, em Canaã dos Carajás, no Pará. A modularização - que prevê a pré-fabricação e instalação de equipamento em módulos - foi aplicada para reduzir o impacto social na região, evitando a concentração de um grande número de trabalhadores de uma vez na implantação do S11D, segundo Marcelo Leite, líder sênior do projeto. "A solução permitiu aumentar os ganhos com a segurança dos empregados e a produtividade na execução da montagem em ambiente controlado, além de reduzir o prazo de conclusão do empreendimento", diz.

O projeto S11D é considerado o maior projeto de minério de ferro do mundo, com investimentos de US\$ 19,7 bilhões e produção estimada de 90 milhões de toneladas de minério de ferro a partir de 2016, quando deve entrar em operação, de acordo com relatório da empresa. Segundo Leite, a modularização está sendo aplicada na área industrial, britagem e peneiragem. Dos 109 módulos previstos, 69 já foram concluídos, diz. Na sua mina de Kennecott, a Rio Tinto mói rochas do tamanho de carros e, então, separa o material desejado da poeira fina resultante. É um processo caro, que usa grandes quantidades de energia e água. Grande parte das rochas destruídas é descartada. O equipamento da Tomra usa sensores de cor para separar os grãos brancos do arroz, antes de remover os grãos indesejados com ar pressurizado. A adaptação da tecnologia para separar rochas contendo ferro ou cobre do restante poderia reduzir custos. Segundo a Tomra, a tecnologia poderia rejeitar entre 15% e 50% da rocha antes que ela seja totalmente processada.

Ela poderia ainda diminuir em 15% o consumo de energia na indústria da mineração e reduzir o volume de água usado em quase 4.000 litros por tonelada de minério. "Não faríamos isso a não ser que os números pareçam grandes, e eles parecem", diz McGagh, diretor de inovação da Rio Tinto. Ele não quis estimar as economias potenciais ou o quanto já foi investido. Até agora, porém, a mineradora anglo-australiana não foi capaz de usar a tecnologia de separação de arroz numa escala grande o suficiente. A máquina da região de Pilbara pôde processar só até 150 toneladas de minério por hora, bem menos que o volume de mais de 1.000 toneladas necessário para torná-la viável. A Rio Tinto espera que novos testes em Kennecott levem a um salto na escala. (Colaborou Eduardo Magossi.)

53-01/08/2014

ArcelorMittal deixa para trás perda e ganha US\$ 52 mi no trimestre

Por **Renato Rostás** | Valor

SÃO PAULO - A ArcelorMittal, maior produtora de aço do mundo, conseguiu reverter prejuízo e apurar lucro líquido de US\$ 52 milhões no segundo trimestre de 2014, conforme a parcela que é atribuída a controladores. No mesmo período do ano passado, a companhia encarou perda de US\$ 780 milhões.

A melhora se deu, em parte, por conta do aumento de 2,5% na receita líquida durante o período, para US\$ 20,7 bilhões. A venda de aço cresceu 2,9% entre abril e junho e terminou em 21,5 milhões de toneladas, enquanto o volume de minério de ferro comercializado aumentou 28%, para 10,5 milhões de toneladas.

Além disso, o grupo sediado em Luxemburgo elevou a utilização de capacidade no período. A produção de aço bruto, por exemplo, avançou 2,7%, para 23,1 milhões de toneladas e o volume de minério produzido ficou maior em 10,7%, fechando em 16,6 milhões de toneladas.

“O resultado do segundo trimestre reflete a melhora já antecipada das vendas e margens do aço”, explicou Lakshmi Mittal, presidente da Arcelor. “A expansão de nossa área de mineração também está no caminho certo, mas o aumento das exportações foi ofuscado pelo preço menor da commodity.”

Além de observar alta no faturamento, a companhia também reportou menor nível de depreciação e nenhuma baixa contábil ou despesa com reestruturação no período, contra US\$ 212 milhões em perdas um ano antes. O lucro operacional mais que dobrou, somando US\$ 832 milhões.

54-01/08/2014

Minério de ferro sobe 2% em julho

Por **Olivia Alonso** | De São Paulo

O minério de ferro subiu 1,9% em julho e terminou negociado a US\$ 95,60 por tonelada no mercado à vista da China. Foi o segundo mês seguido de alta do preço da commodity, que já havia registrado valorização de 2,2% em junho. O preço vem sendo puxado principalmente por uma melhora dos dados da economia chinesa.

Pelo quarto mês seguido, o índice dos gerentes de compras (PMI) da China, importante indicador da atividade industrial do país, tem sido positivo, o que favorece a cotação da matéria-prima do aço, já que as siderúrgicas chinesas são responsáveis por dois terços das importações globais.

Desde a metade de junho, quando o preço caiu para US\$ 89 por tonelada, menor valor desde setembro de 2012, a melhora das perspectivas sobre a demanda chinesa ajudam o preço a subir. A percepção é a de que a China vai consumir o excedente de produção esperado para os próximos meses. O preço vinha sendo pressionado neste ano justamente por causa da expectativa de um grande volume adicional de minério ao mercado, com aumentos de produção no Brasil e na Austrália.

Também contribuiu para a melhora recente do preço do minério o fechamento de operações de diversas mineradoras chinesas, que têm custos altos de produção e não resistiram à queda do preço neste ano. Mesmo com a alta recente, o minério acumula queda de 29% em 2014.

Enquanto algumas mineradoras fecharam as portas, as maiores produtoras globais, como Vale, Rio Tinto, BHP Billiton e Fortescue Metals têm custos mais baixos de produção e continuam com boas margens mesmo com o minério mais barato. Na estimativa do governo australiano, as grandes empresas dos dois países devem ser responsáveis por 83% do comércio transoceânico no ano que vem, acima da fatia de 71% em 2012.

Em média, o minério de ferro foi negociado a US\$ 96 por tonelada em julho, 3,5% acima da média de junho, mas 24,5% abaixo do valor do mesmo mês do ano passado, US\$ 127 por tonelada.

55-01/08/2014

Lucro supera previsão e Vale atinge R\$ 3 bi no trimestre

Por **Francisco Góes, Rafael Rosas e Alessandra Saraiva | Do Rio**

A Vale anunciou ontem resultados operacionais melhores do que os esperados para o segundo trimestre do ano. Bancos e corretoras consideraram bons os números e disseram esperar reação positiva do mercado. A receita líquida somou R\$ 22 bilhões no trimestre, em linha com o mesmo período de 2013. O lucro, antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda) atingiu R\$ 9,1 bilhões de abril a junho, com queda de 10% sobre o segundo trimestre do ano passado. Em média, dez bancos ouvidos pelo **Valor** esperavam queda de 23% no Ebitda, em dólares. O lucro líquido foi de R\$ 3,18

bilhões, quase três vezes maior do que o lucro de R\$ 832 milhões do segundo trimestre de 2013.

O lucro líquido do segundo trimestre refletiu baixas contábeis ("impairments") relacionadas ao projeto de minério de ferro de Simandou, na Guiné, e à paralisação do complexo de carvão de Integra Coal, na Austrália. Só o "impairment", que representa a redução do valor recuperável de ativos, de Simandou foi de R\$ 1,11 bilhão. Sem excluir esses e outros efeitos contábeis, o lucro "básico" da Vale no segundo trimestre deste ano foi de R\$ 4,37 bilhões. No mesmo período do ano passado, o lucro "básico" da Vale tinha sido de R\$ 6,8 bilhões.

A ação preferencial da Vale fechou ontem cotada a R\$ 29,13, alta de 0,69%. Em julho, o papel subiu 10,55%, mas ainda está em queda de 8,25% no acumulado do ano. Em teleconferência, o presidente da Vale, Murilo Ferreira, disse que a empresa registrou forte resultado no segundo trimestre do ano com recorde de produção de minério de ferro, que atingiu 79,4 milhões de toneladas de abril a junho. "A Vale gerou fluxo de caixa livre saudável tanto que pagou dividendos de US\$ 2,1 bilhões [no trimestre] e manteve nível de endividamento líquido estável, apesar de estar implantado projetos de grande dimensão", disse Ferreira.

Em relatório, o banco JP Morgan disse que os bons números foram assegurados por uma combinação de maiores volumes de venda de minério de ferro, melhoria nos preços da commodity realizados pela companhia e fortes preços para os metais básicos. O volume de vendas de minério de ferro e pelotas foi de 76,9 milhões de toneladas no segundo trimestre, com alta de 6,6% sobre as 72,1 milhões de toneladas do mesmo período do ano passado. Já o preço médio realizado pela Vale para finos de minério de ferro situou-se em US\$ 81 por tonelada, superando algumas estimativas, embora US\$ 18,1 por tonelada abaixo do preço médio de US\$ 99,21 realizado de abril a junho do ano passado.

No acumulado do semestre, a Vale registrou receita líquida de R\$ 44,5 bilhões; alta de 2,7% sobre igual período de 2013, Ebitda de R\$ 18,7 bilhões; queda de 9,1% sobre janeiro-junho do ano passado, e lucro líquido de R\$ 9 bilhões, 29,3% acima dos R\$ 7 bilhões do primeiro semestre de 2013.

A mineradora mostrou-se otimista com as perspectivas do mercado. O diretor-executivo de ferrosos e estratégia da Vale, José Carlos Martins, afirmou que os patamares de preço do minério de ferro - US\$ 102 por tonelada para o Iodex 62% no segundo trimestre - não estão tão distantes das projeções da companhia, que indicam nível de US\$ 110 por tonelada como piso para as cotações. Segundo ele, a média dos preços em 2014 está em US\$ 109 por tonelada e a queda do preço a curto prazo (na faixa de US\$ 95 por tonelada), é reflexo de crescimento da oferta em proporção maior que a prevista.

O diretor-executivo de finanças da Vale, Luciano Siani, afirmou que a empresa continua em trajetória sustentável de custos e despesas. O executivo explicou que o recuo de

46,1% no lucro líquido do segundo trimestre (R\$ 3,1 bilhões) em relação ao primeiro trimestre deste ano (R\$ 5,9 bilhões) se relacionou a provisões contábeis dos ativos de Simandou, na Guiné, e de minas de carvão na Austrália.

Na Guiné, além da baixa contábil de US\$ 500 milhões (R\$ 1,1 bilhão) no trimestre, a Vale vem fazendo contatos com o governo local para que US\$ 700 milhões investidos pela empresa em obras civis, pesquisa e compra de equipamentos sejam reconhecidos no futuro edital de licitação dos blocos que pertenciam à VBG. A VBG é uma antiga sociedade da Vale e da BSG Resources, do israelense Beny Steinmetz, que teve os direitos minerários de parte de Simandou cassados pelo governo este ano. Essas reservas serão levadas à leilão.

"Temos a convicção que o governo da Guiné vai entender esse investimento todo que lá foi feito [os US\$ 700 milhões] para que seja reconhecido quando da publicação do edital do certame, que acontecerá em data ainda não sabida", disse Ferreira. Ele afirmou que a empresa está negociando que esse valor seja incluído como um crédito em favor da Vale. "Mas isso não quer dizer que a Vale desistiu do certame [de Simandou] pois nem conhecemos os termos e condições do edital." Ferreira afirmou ainda que a Vale espera uma decisão favorável ainda este ano no litígio que trava contra Steinmetz na câmara de arbitragem de Londres.

56-01/08/2014

China e cortes de oferta impulsionam preços dos metais

Por **Olivia Alonso** | De São Paulo

A segunda metade do ano começa com um ambiente mais favorável para os preços dos principais metais não ferrosos. Uma sequência de indicadores positivos da economia chinesa nos últimos quatro meses trouxe melhores perspectivas de demanda pelas commodities industriais, que são muito usadas na infraestrutura, na construção civil e em diversos setores da indústria. Com exceção do níquel, os metais tiveram altas expressivas na bolsa de Londres (LME) em julho.

O zinco foi o destaque do mês com uma alta expressiva de mais de 6%. Além das melhora do sentimento em relação à China, o preço do metal subiu no mês como consequência da redução da oferta global. Mineradoras em diversos locais do mundo encerraram suas operações nos últimos meses, principalmente por causa de exaustão de minas.

Com isso, os estoques do metal estão em forte queda no ano. De 854 mil toneladas nos armazéns da LME em janeiro, o volume caiu para 668 mil toneladas ao fim de junho. "Os fundamentos estão melhorando desde o fim do ano passado e, aparentemente, o zinco já mudou de uma tendência de queda para uma tendência de alta", afirma Bruno Rezende, analista da Tendências Consultoria.

O consumo do metal, cujo principal uso é na galvanização do aço, para protegê-lo da corrosão, já está superando a produção neste ano. De janeiro a abril, o mercado global teve um déficit de 107 mil toneladas, enquanto no mesmo período do ano passado a produção excedeu o consumo em 32 mil toneladas, informa o Grupo Internacional de Estudos de Chumbo e Zinco (ILZSG, na sigla em inglês).

O níquel também passa de uma trajetória negativa para um caminho de alta neste ano. Usado na fabricação de aço inoxidável, o metal desde o início do ano vem apresentando um comportamento extremamente positivo. A principal causa é a proibição da exportação de minérios na Indonésia, em vigor desde janeiro. Como o país é responsável por aproximadamente 28% da oferta global de minério de níquel, a medida fez com que o preço disparasse neste ano.

Ainda que a cotação tenha caído recentemente, com expectativas de que o governo indonésio pudesse flexibilizar suas medidas, o metal ainda acumula valorização de 33% em 2014.

Após algumas semanas de nervosismo no mercado por causa da mudança do governo na Indonésia, o presidente eleito na semana passada, Joko Widodo, apelidado de Jokowi, não sinalizou mudanças. "As primeiras declarações dele foram totalmente evasivas", diz Rezende. A princípio, o governante disse apenas que vai se reunir com as mineradoras do país.

De agora em diante, as expectativas são de que os preços continuem perto do patamar atual, de US\$ 18,8 mil por tonelada. Os analistas lembram que, mesmo com a restrição da Indonésia, o mercado de níquel ainda não está em situação deficitária. E calculam que isso só vai acontecer no ano que vem. Na estimativa do Goldman Sachs, uma flexibilização da medida da Indonésia poderá ocorrer na segunda metade de 2015. Com isso, esperam que o consumo do metal supere a produção em 200 mil toneladas no ano que vem.

O alumínio também está em alta nos últimos meses e já acumula uma valorização de 10% neste ano, embora os analistas que acompanham o mercado ainda não acreditem em uma trajetória firme de alta. Os sinais mais positivos das economias chinesa e americana têm ajudado a puxar os preços do metal, mas a situação ainda é de excesso de oferta e de estoques em alta.

Com ganhos desde o início do segundo trimestre, o cobre também foi puxado pelas notícias melhores da China, embora ainda existam preocupações com o setor imobiliário no país, grande consumidor do metal.

Carsten Menke, analista de commodities do Bank Julius Baer, afirma que a proibição de exportação de minérios na Indonésia também ajudou a deixar o mercado de cobre mais apertado nos últimos meses. Mas diz que isso pode mudar. A mineradora Freeport-McMoRan conseguiu permissão do governo indonésio para exportar da mina de

Grasberg, uma das maiores do metal no mundo, e deverá voltar a vender ao exterior neste mês. "Quando essa oferta de cobre chegar ao mercado, acreditamos que o equilíbrio do mercado deve afrouxar novamente. Esperamos que os preços fiquem mais baixos e mudem o atual ambiente de baixa volatilidade", afirma.

57-01/08/2014

Vale confia na China, mas foca na capacidade de ganhar margem

RIO DE JANEIRO (Reuters) - A Vale, maior produtora global de minério de ferro, avalia que a demanda da China será maior no segundo semestre, mas prevê um período de preços menos "exuberantes" para a matéria-prima do aço, e assim manterá forte foco em elevar margens diante do crescimento da oferta global da commodity.

"Historicamente o segundo semestre da China é melhor", disse nesta quinta-feira o diretor-executivo de Ferrosos e Estratégia da Vale, José Carlos Martins, durante conferência com analistas sobre resultados do segundo trimestre, divulgados mais cedo.

O executivo destacou que o governo da China, maior importador de minério de ferro do mundo e de produtos da Vale, costuma fazer movimentos na segunda metade do ano para cumprir metas para a economia chinesa, como liberação de crédito.

"Estamos otimistas com relação a China, eles têm mostrado capacidade muito grande de manter a economia com vigor apesar das expectativas negativas que a gente tem assistido", declarou.

A expectativa para os preços do minério de ferro no segundo semestre também é de melhora em relação ao que foi observado até agora neste ano. Em junho, o minério caiu para uma mínima de 21 meses, de acordo com o Steel Index.

Os preços do minério de ferro tiveram o segundo ganho mensal consecutivo em julho, em meio à demanda sustentada da China, embora o insumo para a fabricação de aço ainda não tenha se afastado de forma consistente das mínimas de 21 meses.

Segundo Martins, o preço sofreu forte impacto de uma oferta excessiva de minério de ferro entre janeiro e junho deste ano, mas que em grande parte já foi absorvida.

"Fomos surpreendidos pelo aumento da oferta de minério muito maior que a gente esperava", disse Martins.

A Vale calcula que a oferta global de minério de ferro vai crescer em cerca de 50 milhões de toneladas no segundo semestre, ante aumento de 90 milhões de toneladas no primeiro.

A mineradora publicou lucro líquido de 3,187 bilhões de reais no segundo trimestre, com preços menores do principal produto da companhia limitando ganhos.

Os preços do produto da Vale caíram 17,6 por cento no segundo trimestre ante o mesmo período de 2013, para 84,60 dólares por tonelada, devido ao aumento da oferta global -- a própria companhia produziu um recorde para o segundo trimestre.

O papel preferencial da Vale fechou com alta de 0,69 por cento, enquanto o Ibovespa recuou 1,84 por cento.

"Os bons números foram impulsionados principalmente por uma combinação de maiores volumes de vendas de minério de ferro, melhor realização de preços de minério de ferro e fortes preços de metais básicos, que compensaram a queda nos preços do minério de ferro", segundo relatório do JP Morgan.

MAIORES MARGENS

Mas é na capacidade de diluir custos com a escala de produção que reside a confiança da Vale para lidar com um mercado bem ofertado, explicou Martins.

"A gente sabe que o preço não vai ter mais aquela exuberância que a gente viu nos últimos anos", afirmou, ponderando que os preços somente deixaram de ser "muito lucrativos" para a empresa e agora serão apenas "lucrativos".

Segundo ele, nos últimos seis anos, houve um período de demandas fortes e preços subindo e que agora o mercado terá um período de estabilidade.

Para Martins, se sairão melhor as empresas que começarem a administrar os custos de forma mais eficiente.

"Estamos moderadamente otimistas quanto a preço, estamos muito otimistas com relação a nossa capacidade de ganhar margem com ampliação de volume e também de redução de custo."

Segundo cálculos da Vale, houve um crescimento acima do esperado na oferta no mercado transoceânico. "O mercado seaborne (transoceânico) está crescendo este ano quase 20 por cento acima do ano anterior", afirmou.

O crescimento, avaliou Martins, recebeu impacto também de um ramp-up antecipado de expansões de projetos na Austrália e também devido a um clima favorável em importantes áreas produtoras, incluindo o Brasil.

Entretanto, o mesmo não aconteceu com a demanda. "Esperávamos aumento da demanda um pouco maior, do ponto de vista de aço e ela foi um pouco pior tanto no ocidente, como na própria China", afirmou.

Ele observou que a correção da demanda mais fraca se dá no preço e destacou que o crescimento da oferta observado na Austrália não deve se repetir na mesma proporção no próximo ano. Mas alguns locais, como o próprio Brasil, devem apresentar expansão da produção.

(Por Marta Nogueira)

58-01/08/2014

Kinross tem queda de 72% nos ganhos do segundo trimestre

A produção da mineradora atingiu 680.000 onças de ouro que foram negociadas a um preço médio de US\$742/oz. O AISC (all-in sustaining costs) foi de US\$976/oz uma queda de 6%.

Os ganhos líquidos do T2 foram de US\$32,9 milhões uma queda de 72,4% em relação ao mesmo período de 2013. A Kinross volta aos lucros o que não ocorreu em 2013 quando teve um prejuízo líquido de \$2,5 bilhões.

Fonte: www.geologo.com.br

59-01/08/2014

Vale espera reaver parte do investimento em Simandou

Por Fernanda Guimarães. Mariana Durão e Vinicius Neder | Estadão Conteúdo

O impairment de US\$ 500 milhões registrado pela Vale no balanço do segundo trimestre corresponde ao primeiro valor pago por fatia da operação da mina de Simandou, afirmou o presidente da mineradora, Murilo Ferreira, em teleconferência nesta quinta-feira, 31. Segundo o executivo, o valor se refere ao investido na empresa, instalada na Guiné, na qual a Vale é sócia da BSGR.

Além disso, a companhia investiu cerca de US\$ 700 milhões em construção civil, equipamentos e pesquisa no projeto. Esse é o valor que a Vale espera recuperar com a

inclusão dos ativos no edital de leilão da mina, a ser feito pelo governo da Guiné. "O impairment foi só para o primeiro valor. As regras contábeis assim exigem", disse Ferreira.

Se fosse uma decisão exclusivamente gerencial, completou Ferreira, a empresa esperaria o fim de 2014, apostando na vitória na disputa com o ex-sócio na Guiné, que ocorre na Câmara de Arbitragem de Londres. "Temos convicção de sermos vitoriosos", disse Ferreira.

Ferreira disse ainda que o fato de a companhia esperar reaver parte do valor investido em Simandou, na Guiné, em obras civis e em equipamentos não significa que ela tenha desistido de participar do certame da operação, que será organizado pelo governo local.

O executivo disse que neste momento não é possível tomar uma decisão sobre a sua participação, já que as regras sobre esse leilão não foram abertas. "Para fazer a adesão precisamos conhecer os termos do certame e não temos a mínima ideia (sobre como será)", disse.

A expectativa da mineradora é de que o governo de Guiné reconheça (os investimentos) no edital do leilão da reserva de minério de ferro de Simandou. Com isso, o executivo espera que tenha um crédito a receber, já que os investimentos que a mineradora brasileira realizou no local, entre obras civis e equipamentos, foram superiores a US\$ 700 milhões.

A Vale comprou 51% dos direitos minerários de Simandou em 2010, ainda na gestão do ex-presidente Roger Agnelli, por US\$ 2,5 bilhões.

Moçambique

A Vale está em fase aguda de negociações para a venda de parte de sua fatia (na linha férrea) do Corredor Nacala e também para a busca de sócios para a mina de Moatize, ambos em Moçambique, disse Ferreira. "Não podemos e não devemos nos pronunciar sobre o que e com quem está sendo negociado", disse Ferreira, ao ser indagado a respeito das negociações.

China

A respeito da permissão da China para que os supernavios Valemax atraiam nos portos do país, o CEO da mineradora avaliou que é uma questão de tempo até que isso ocorra. Hoje a Vale tem 35 navios Valemax contratados, 31 entregues e a maioria pertencente à companhia. Os navios, lembrou, já atracam em três portos japoneses, na

Coreia, Itália e Holanda, além dos centros de distribuição em Omã e na Malásia. Para Ferreira, os asiáticos estão agindo com prudência.

Argentina

O presidente da Vale também comentou a crise na Argentina. Segundo ele, é cedo dizer o que muda em relação ao programa de desinvestimento no país vizinho. A mineradora tenta vender na Argentina o projeto Rio Colorado.